

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Ana Lúcia Ramos Seitenfus

ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES E CATADORES DE ESTEIO:
Origem, Saberes Construídos e Trajetórias de Vida

Porto Alegre
2007

ANA LÚCIA RAMOS SEITENFUS

ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES E CATADORES DE ESTEIO:
ORIGEM, SABERES CONSTRUÍDOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação - Linha de pesquisa: Educação, Culturas, Memórias, Ações Coletivas e Estado.

Orientador: Professor Dr. Nilton Bueno Fischer

Porto Alegre

2007

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S462a Seitenfus, Ana Lúcia Ramos

Associação de Recicladores e Catadores de Esteio: origem, saberes construídos e trajetórias de vida [manuscrito] / Ana Lúcia Ramos Seitenfus. – 2007.
102 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007, Porto Alegre, BR-RS.

Orientador : Nilton Bueno Fischer.

1. Educação ambiental. 2. Educação informal – Catador de lixo. 3. Inclusão social. 4. Lixo – Resíduo sólido – Reciclagem. 5. Associação de Recicladores e Catadores – Esteio (RS) I. Fischer, Nilton Bueno. II. Título.

CDU – 37:574.3

Bibliotecária Maria Amazília Penna de Moraes Ferlini – CRB-10/449

† *Dedico este trabalho a meu pai, Darci Jorge Seitenfus (in memoriam), que sempre acreditou mais em mim do que eu própria...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à energia superior, qual seja Deus ou qualquer outro ponto de equilíbrio, que me sustentou nas horas mais difíceis desta caminhada...

Ao meu orientador, Nilton Bueno Fischer, mestre da paciência e delicadeza. Agradeço, acima de qualquer coisa, por ter acreditado em mim...

Agradeço a todos e todas que trabalham e trabalharam na ARCA. Seus gestos, a forma como me recebiam, as palavras, as histórias, os sorrisos... Ficarão sempre na memória...

Ao meu companheiro e amigo, Fabiano, pelo amor, paciência e colaboração durante este período...

Agradeço a minha querida mãe, Rosa, pela impaciência com minha ausência, pois me fazia lembrar que também é necessário dar atenção aos amores de nossa vida...

A minha querida sobrinha e afilhada Antônia, que tantas vezes me revigorou o corpo e a mente convidando-me ao imaginário para fazermos "papazinho" e tomar chá com suas "filhinhas"...

Agradeço às professoras Malvina Dorneles e Carmem Craidy pela imensurável contribuição através de sugestões e ensinamentos em suas aulas e na defesa do projeto de pesquisa...

À amiga Marta Zavalick, agradeço pelo tempo que dedicou e pelas informações prestadas a esta pesquisa. Agradeço ainda, em nome de muitos, por ter sido uma das precursoras em Esteio daquilo que tenderá a fazer a diferença no futuro do planeta: a coleta seletiva e a educação ambiental...

Agradeço a amiga Sandrinha pelo tempo disposto na correção gramatical de meus escritos e pela companhia que por vezes encheu-me de ânimo...

Ao colega e amigo Cassiano, que esteve sempre pronto a incentivar e esclarecer nas dúvidas e contratempos...

Aos colegas do grupo de orientação, pelas discussões brilhantes, pelas constantes trocas e demonstrações de carinho...

Às minhas queridas irmãs, Tina e Fabi que me incentivaram em todos os momentos...

Ao meu médico, Alexandre Willy, com o qual partilhei angústias, agradeço a escuta, o incentivo e sugestões...

A todos os funcionários da Secretaria do Pós em Educação na UFRGS pela atenciosidade a cada pedido afluente no balcão ou por email. Em especial a Mary, Marisa e Edu...

SIGLAS E ABREVIATURAS

- ARCA – Associação de Recicladores e Catadores de Esteio
- DEA – Departamento de Educação Ambiental
- EA - Educação Ambiental
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PME – Prefeitura Municipal de Esteio
- RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre
- SMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente
- SMEE – Secretaria Municipal de Educação e Esporte

RESUMO

A partir de uma investigação empírica, esta pesquisa apresenta dados referentes à formação e atuação da Associação de Recicladores e Catadores de Esteio, a ARCA. Além disso, considerações sobre um processo de educação informal que se instituiu, inclusão social, relações humanas e trajetórias de vida até à ARCA reúnem-se neste trabalho. Outrossim, apontamentos sobre a problemática de consumo e de resíduos sólidos no planeta, tentam contextualizar a participação especial dos sujeitos naquilo que encaminha para a ruptura de paradigmas ambientalmente destrutivos. Também são descritos aspectos referentes à religiosidade, as relações de gênero, a família e afetos como forma de chamamento reflexivo sobre aquilo que se categoriza por cultural e/ou humano.

Palavras-chave: Catadores, Lixo, Educação Informal, Resíduos Sólidos, Inclusão Social, Reciclagem, Educação Ambiental.

ABSTRACT

From an empirical inquiry, this research presents some information referring to the formation and performance of people, which their job is recycle and catch things, that is, garbage. They are from Esteio, the ARCA. Moreover, considerations about an informal education process which establishes itself, social inclusion, human relations and the history of lives till the ARCA are in this paper. In the same way, registers on a problematical related to the consumption and solids remains in the planet, try contextualize the especial participation of the guys that are being driven to the broken of paradigms environmentally baneful. What is more, are mentioned aspects related to religious, acquaintance of gender, the family and affects as a reflected whoop on what's being characterized by human and or cultural.

Key words: catchers, garbage, informal education, solids remains, social inclusion, recycling, environmental education.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
APRESENTAÇÃO – A Inserção	13
INTRODUÇÃO	17
ASPECTOS METODOLÓGICOS	22
1. PROBLEMÁTICA AMBIENTAL: A mudança e a imersão	28
1.1 Projeções e Dados – A Necessidade de Mudanças	29
1.2 O Sensível Necessário e a Educação Ambiental	32
2. ADERINDO À MUDANÇA	37
3. FORMAÇÃO, OCUPAÇÃO E OS DESAFIOS	42
3.1 Primeiros Passos	45
3.2 O Espaço.... O Sagrado....	47
3.3 As Primeiras Impressões	52
3.4 Progressos e Frustrações	55
4. ESPAÇOS SENTIDOS E NARRADOS	62
4.1 As Histórias	63
4.2 Diferentes Vínculos	74
4.3 Mães	78
4.4 Coragem	81
4.5 Às Voltas do Galpão	84

5. SABERES QUE SE CONSTROEM	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

APRESENTAÇÃO

A Inserção

É preciso refletir sobre as escolhas que fazemos ao longo do percurso que traçamos para a trajetória pessoal e intelectual que se delinea com o passar do tempo. A experiência de uma vida está sempre atravessada por um vasto campo de possibilidades que nos impele a (re) definir o caminho a seguir e mesmo a não temer as bifurcações possíveis, o novo e seu caráter perturbador, capaz de revelar os acertos e desvãos do trajeto. (SILVEIRA, 2005, pág. 255).

Muitas vezes, me senti exposta por silenciar. Silêncio que me constrangia, mas que entendi necessário a fim de priorizar a escuta que aos poucos diluía minha ignorância referente aos assuntos e autores que só tive chance de conhecer superficialmente. Minha formação técnica lentificou a assimilação deste novo universo, mas fui insistente a ponto de tentar contribuir com exposições orais relacionadas ao campo de conhecimento que eu ainda não dominava. Por conta disso, enfrentei desconfortos que fizeram com que eu me sentisse um ser de outro planeta, mas que felizmente não me impediram de concluir meu trabalho.

A opção pelo mestrado em educação na UFRGS foi muito além do intuito de qualificação profissional. Seria a chance de encontrar um espaço para repensar livremente sobre algumas convicções teóricas da formação em Biologia; “duras” de certa forma. Algo em mim acenava que havia muito mais o que pensar sobre o humano e o mundo do que somente o biológico. Porém, não de forma a transpor teorias, mas numa perspectiva dialógica. Melucci (2004), coloca de uma forma muito precisa aquilo que tento explicar. Ele refere-se ao sentimento de limitação e de que algo do presente não nos basta e por isso nos colocamos diante

da possibilidade de mudança. E que essa mudança é uma meta que desejamos sobre a qual nos projetamos à procura do novo e do diverso, mas que ao mesmo tempo é também uma *ameaça às nossas certezas, às regras habituais e consolidadas nos percebendo divididos entre o desejo e o medo, entre a expectativa e a incerteza. Trata-se de um jogo tão arriscado e tão aberto que não temos garantias de sucesso e expõe-nos permanentemente à ameaça de nos perdermos.* Este foi o meu desafio...

Enxerguei o ser humano, por muito tempo como mais um dos animais. Visualizava mentalmente apenas sinapses e os lobos cerebrais que poderiam estar relacionados as ações, instintos e sentimentos. O que Geertz (1980) chama a atenção em seu artigo *“Transição para a humanidade”* revela exatamente esta óptica ainda muito presente no meio científico a qual estive disposta a repensar ao longo deste período. Ele afirma que estudiosos, especialmente os das ciências biológicas — mais especificamente os da zoologia, paleontologia, anatomia e fisiologia (e eu me enquadro na qualificação de três dessas!) —, *revelam a tendência de dar demasiada ênfase ao parentesco existente entre o homem e aquilo a que nos damos ao luxo de chamar animais inferiores,* relacionando-o a um nível de complexidade significativo tal qual aos dinossauros, ratos brancos e golfinhos. Geertz também coloca o diferencial, ou seja, de que o *“homem é um animal que consegue fabricar ferramentas, falar e criar símbolos. Só ele ri; só ele sabe que um dia morrerá; só ele tem aversão a copular com a sua mãe ou a sua irmã; só ele consegue imaginar outros mundos em que habitar (...)”*¹. E que embora os chimpanzés joguem com objetos imaginários somente o homem tem cultura e que sem ela a vida intelectual deste, não seria mais do que uma confusão barulhenta e estrondosa.

Fundamentando minha disposição intelectual dialógica trago algo que agora me parece claro – e que talvez ilustre o que meu caro orientador sempre tentou me dizer diante das minhas angústias. Silveira (2005) discute seu sentimento em relação à biologia e antropologia, sendo que sua formação é a primeira: “tenho, até certo ponto, a clareza de compreender que me situo à margem de ambas as

¹ *Ibidem.*

disciplinas, ao mesmo tempo em que me percebo totalmente inserido nelas. São os paradoxos presentes nesses interstícios que me interessam, portanto descarto a dicotomia entre “ciências duras” e “não duras” e, mais que nunca, penso que precisamos ultrapassá-la, para evitarmos o enrijecimento das formas de pensar a fim de vislumbrarmos novos paradigmas em ciência².

Durante a graduação em ciências biológicas foram cinco anos de pesquisa em zoologia e taxonomia com foco em vermes de vida livre. Antes da conclusão do curso me foi sugerido a continuidade deste trabalho no mestrado devido ao pouco tempo desta qualificação e os riscos de uma grande mudança de linha de pesquisa. Ousadia, teimosia ou atrevimento talvez definam esta estada nas ciências humanas. Mas não se trata de qualquer arrependimento quanto à graduação; ao contrário, ela também contribuiu para que eu respeitasse e admirasse todas as formas de vida além de me despertar para o cuidado do planeta. Mas como antes descrevi, sem um olhar muito atento à condição humana.

Meus animais de estudo contribuía para o reconhecimento de áreas pouco ou muito antropizadas, logo, tinham sua importância para o meio zôo e ecocientífico. Mesmo com algumas saídas de campo para florestas e matas onde podia sentir o cheiro perfumado da terra ao revirá-la para encontrar os espécimes, na maior parte do tempo a investigação se limitava ao laboratório, o que me inquietava. Minha satisfação, além das disciplinas de anatomia e fisiologia, era quando precisava fazer as do Centro de Ciências Humanas, pois a *vida* parecia ser discutida com mais sensibilidade e éramos tratados também com este caráter (provocando-me um *repensar* científico). Daí inicia-se a vontade de adentrar este universo.

Mas meu curso era o “da vida”, a “bio” e como poderia sentir muito mais “vida” no centro de disciplinas humanas?! Acho que a *fragmentação de pensamentos* difere estes dois olhares sobre “vida” e que, às vezes, dá-nos a impressão de que há repulsa entre si.

² SILVEIRA in MARTINS et al (organizadores). Edusc, 2005. pág. 256.

“(...) o homem e a vida estão em migalhas, volatilizados pelo pensamento simplificador, desintegrados em disciplinas fragmentadas que, mesmo na sua própria esfera, não conseguem comunicar entre si. O que nos impede de perceber o homem vivo é o triunfo de uma ideologia tanto mais louca quanto crê, ao expulsar o homem da vida, a vida da vida, o homem do homem, ter extirpado toda a ideologia da ciência!” (MORIN, 2005a, p. 459-460).

Nesta citação de Morin (2005a) meu estranhamento ganha uma possível justificativa...

Ainda tentando explicar o que me trouxe a este trabalho de pesquisa com a ARCA, descrevo uma das atividades profissionais que oportunizou um contato especial com o “humano”. Entre os anos de 2002 e 2004, trabalhei na coordenação da educação ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Esteio – SMMA - e por conta disso tive a oportunidade de dialogar com catadores, recicladores, atuar em favelas, becos, vilas, em meio à miséria, às doenças, ao lixo, locais onde dizer que se têm AIDS, por exemplo, é como quando dizemos que estamos com gripe... E confesso que o que mais gostava era de ouvir as pessoas, suas histórias... Tentava entender algo que justificasse suas condições, seu modo de vida, enfim, algo que esclarecesse meus estranhamentos. Obviamente, pelos contatos muito superficiais jamais cheguei a uma conclusão sólida sobre a cultura de quaisquer espaços que eu tenha freqüentado. Mas, no decorrer do tempo, tive a chance de *aquietar minha inquietude* a partir do instante em que verifiquei que podia unir minha formação em biologia com o meu interesse sociológico, histórico e cultural em espaços sociais como o da Associação de Recicladores e Catadores de Esteio, a ARCA.

Considerarei conveniente para a apresentação este breve memorial bem como a epígrafe por considerar que poderiam deixar mais clara a opção por este objeto de pesquisa³.

³ A definição do objeto científico não tem um caráter neutro como coloca Jacques Marre: “*está relacionado com um sistema de valores e com as convicções últimas do indivíduo que o escolhe, e é assim que adquire um significado valorativo determinado. Eis, portanto, uma das razões da escolha de um tema*” (MARRE, J. L. A construção do objeto científico na investigação empírica. *Sin loco, sin date*).

INTRODUÇÃO

Sou professora no município de Esteio há doze anos⁴, mas no período de julho de 2002 a dezembro de 2004 fui cedida ao Departamento de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Esteio à convite da Secretaria de Educação. Lá, acompanhei, aprendi, executei e planejei ações que envolviam professores da Rede Municipal, instituições públicas e privadas para que se sensibilizassem com o projeto de implantação da coleta seletiva. Destacávamos as relações deste processo com a redução dos resíduos sólidos, preservação ambiental e aos aspectos sociais de promoção à inserção profissional de trabalhadores.

Precisávamos coordenar inúmeros projetos além de assessorar todas as escolas municipais, particulares e estaduais interessadas nas questões ambientais bem como a educação ambiental não-formal⁵. Nunca havia tido qualquer contato direto com bibliografias relacionadas aos temas que precisávamos desenvolver então busquei fundamentação teórica para o nosso trabalho e, a partir disso, dei-me conta de que o *planejar, sensibilizar e fundamentar* não podem estar dissociados da prática. As proposições do “*fazer e fazer*” (implicitamente impostos política e burocraticamente) começaram a perder parte do seu valor à medida que ia refletindo sobre os resultados de minhas buscas. No livro que transcorre sobre seu

⁴ Além de professora de Ciências no Ensino Fundamental, também presto serviços à uma escola Técnica de Enfermagem, Radiologia, Segurança do Trabalho e Massoterapia, lecionando Anatomia e Fisiologia. Apesar de parecerem atividades muito distintas, estes temas também me guiaram para a escolha do curso de Biologia.

⁵ Éramos três professoras e duas estagiárias de Biologia. O trabalho de educação ambiental *formal* que desenvolvíamos era o que se dá no ambiente escolar, enquanto que o *não-formal* era aquele que propagávamos nas demais instituições e de porta em porta nos bairros do município.

período como secretário de Educação da cidade de São Paulo, *Educação na Cidade*, Freire destaca que:

(...) a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. (...) Pensar que a prática teórica só pode ser feita no universo “casto” das academias, distante, bem distante da realidade concreta lá fora, erro tão funesto quanto negar a importância do sério esforço teórico da academia. (...) Praticar implica programar e avaliar a prática. (FREIRE, 2001, p. 107 e 109).

Presenciei o trabalho de catadores a partir de 2003, pois foi quando a associação da Vila Pedreira (situada entre a BR 116 e os trilhos da Trensurb) se instalou na SMMA. Trabalhavam com pouco material reciclável (pois o retorno da implantação da coleta seletiva geralmente é bastante lento). Em 2004, moradores do Bairro Votorantim e proximidades, se agregaram ao trabalho de triagem. As duas Associações tiveram acesso a toda a infra-estrutura⁶ necessária para realizarem suas atividades de triagem dos resíduos sólidos provenientes de escolas, associações, alguns bairros e munícipes voluntários, mas o material recebido ainda era escasso. A partir de cursos, palestras e reuniões nos quais se destacava a necessidade de separação e valorização daquilo que ainda se entende apenas por *lixo*, – eram atividades que o Departamento de Educação Ambiental promovia - aos poucos, a chegada de resíduos foi aumentando, embora insuficiente para somar um salário próximo ao mínimo brasileiro. E, provavelmente por isso, logo que a campanha eleitoral para os cargos de prefeito e vereadores teve início, os trabalhadores da Vila Pedreira abandonaram o local para atuarem como colaboradores da oposição – eles também tinham gastos com passagem, ao contrário do outro grupo. Após o evento, soube-se apenas que voltaram a ser carrinheiros e integrantes do mercado de trabalho informal.

Neste mesmo período identifiquei incoerências em nosso trabalho pois não conseguíamos acompanhar o trabalho dos recicladores. Não sabíamos quem eram exatamente aquelas pessoas, o significado daquele trabalho para elas, os progressos que notavam com nossa divulgação e sensibilização paralelos. Em diversos momentos percebia-me solitária quando tentava um *refletir* coletivo. As

⁶ Cedidos pela Prefeitura através de convênio.

imposições quotidianas de um órgão público podem sufocar proposições que necessitem de tempo para investigação e levantamentos qualitativos sociais. Politicamente, em geral, *não há tempo...*

Nas ações relacionadas à divulgação da coleta seletiva, defendia e citava estes grupos, mas não conseguia um convívio maior com eles. Isto me gerava certa angústia e por isso resolvi investir no meu desejo de acompanhar de modo atento o grupo que permaneceu para conferir aspectos que acenavam um processo de educação informal que parecia estar se instituindo diante das relações de grupo, instrumentos de trabalho e autonomia nas relações financeiras. Aspectos estes que percebia em pequenos contatos durante os seus trabalhos. Referindo-me a aprendizagem, concordo que:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante. (Brandão, 1995, pág. 9).

(...) os gregos ensinam o que hoje esquecemos. A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. (BRANDÃO, 1995, pág. 47).

Junto com a situação de aprendizado também pensei em uma reconstrução histórico-social a partir de relatos biográficos destas pessoas, pois não há informações quanto à escolaridade, origens, percepção de trabalho, expectativas e/ou frustrações que possam anunciar o perfil destes trabalhadores que correspondem a uma parcela da sociedade que encontra nos resíduos sólidos o resgate da sua cidadania e que, paradoxalmente, estão imersos num processo complementar à manutenção da vida para todo o planeta. Jacques Marre (1991) coloca que é graças à retomada do relato oral biográfico que *partes importantes da memória coletiva puderam ser reconstruídas* e que é possível dar a palavra a quem, em geral, *não tem espaço para sua voz*⁷.

⁷ MARRE, J. Cadernos de sociologia: Metodologias de pesquisa, 1991, *sin loco*, p. 135.

Por conseguinte, autorizei-me a discorrer nesta dissertação, a partir de dados coletados em campo, além do processo de educação informal, as relações humanas e de trabalho, trajetórias de vida até a chegada à Associação, aspectos geográficos-ambientais e até mesmo os sentimentos naquele contexto. Eu não conseguiria me restringir à discussão focada em apenas uma ciência por conta de tudo que ouvi, observei e senti durante a pesquisa. Meus dados transitam e dialogam, por exemplo, com autores das áreas da antropologia, biologia, filosofia, pedagogia e sociologia. E esta forma transdisciplinar que considero eficiente na metodologia para a interpretação, não poderia estar dissociada de autores como Edgar Morin, Enrique Leff, Alberto Melucci e Carlos Rodrigues Brandão.

* * *

Atualmente, não trabalho na SMMA. Optei pelo retorno à escola em 2005 por reconhecer minhas limitações para lidar com aspectos políticos, mas também porque haveria a possibilidade de dar seqüência às minhas proposições de pesquisadora e numa condição neutra, já que enquanto membro da Secretaria de Meio Ambiente, os catadores acabavam entendendo a minha presença como alguém que resolveria seus problemas de infra-estrutura além de conflitos interpessoais e burocráticos. Mesmo que ainda surgissem nuances desta percepção anterior, já não eram tão intensas a ponto de comprometer os contatos com fins de pesquisa. Marre (1991) menciona este distanciamento em seu artigo *A construção do objeto de pesquisa*:

Para que o processo possa ser considerado científico há necessidade do cientista se distanciar, de criticar e avaliar o modo pelo qual a opinião pública, o senso comum ou os partidos políticos tratam a questão. (MARRE, J. 1991, p. 10).

E ainda relacionando ao que Marre (1991) coloca, de fato, os espaços que eu ocupava, remetiam-me exatamente entre *opinião pública* e discursos políticos.

Denotando ainda sobre o desconforto perante os pedidos de favores, destaco as previsões de obstáculos que são descritas no livro *Por uma sociologia reflexiva* de Alberto Melucci, mais especificamente no artigo intitulado “*Relações difíceis*” de Constanzo Ranci (2005)⁸: “*Freqüentemente os obstáculos ocorrem devido nem tanto à rejeição dos atores sociais para colaborar, mas pelo fato que eles adotam comportamentos voltados a induzir nos pesquisadores uma mudança de papéis ou de posições*” (p. 49). Por fim, com meu retorno à escola, pude manter a relação de empatia que havia construído e preservar relativa neutralidade nas observações e entrevistas e dar continuidade aos meus objetivos.

Procurei descrever nesta pesquisa as relações de aprendizado informal e aspectos relacionados a inclusão social através da geração de renda com a triagem de resíduos sólidos urbanos na Associação de Recicladores e Catadores de Esteio. Além disso, expor, com fins reflexivos, as trajetórias de vida individual e coletiva⁹ que dão forma a um espaço micro-ecológico-social imerso a um contexto maior, ou seja, sujeitos que protagonizam parte daquilo que encaminha para a ruptura de paradigmas que acentuam a problemática ambiental do globo terrestre. Por conseguinte, contribuir para o conhecimento público deste grupo importante social e ambientalmente para a cidade de Esteio que dependem, em sua maioria, dos resíduos sólidos para a sobrevivência.

⁸ MELUCCI, A., Ed. Vozes, 2005, p. 49.

⁹ Embora relatos orais individuais e coletivos tenham sido a principal metodologia de trabalho, não se trata de uma pesquisa de *História de vida* ou etnográfico, mas inspirada nestes métodos e autores relacionados.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Havia em mim uma sensação ambígua, uma espécie de regozijo assustador por ter que lidar com tais complexidades.
(SILVEIRA, 2005, pág. 264)

Quando iniciei as observações e entrevistas com a ARCA já estava afastada da SMMA (por motivos que descrevi na introdução) e notei que com a minha saída realmente já não era mais solicitada para resolver as dificuldades internas do grupo. A partir da leitura de Melucci (2005: 50) entendi que este é um dos riscos freqüentes do pesquisador nas relações com o grupo de pesquisa: “*Um dos obstáculos acaba sendo que os atores sociais tentam induzir o pesquisador a prestar-lhe favores ligados a instituição, mediar conflitos internos da associação etc*”. Porém alguns problemas pessoais eram trazidos ora para saber minha opinião, ora para que eu sugerisse uma forma prática de resolvê-los que em geral envolvia minha participação direta. Mas independente deste relativo empecilho, os contatos, na maioria, costumavam ser geralmente produtivos e agradáveis.

Embora os contatos com a ARCA tenham iniciado em 2004, os trabalhos de campo para a pesquisa foram realizados entre 2005 e 2006, através de visitas relativamente regulares, cerca de duas vezes por mês. No entanto, houve períodos que interrompi os encontros por problemas pessoais¹⁰. Na primeira entrevista formal surpreendeu-me o receio do grupo quando me referi ao uso de um

¹⁰ Nestes dois anos enfrentei algumas lutas contra intempéries emocionais e físicas. Como, por exemplo, luto pela perda de meu pai e uma cirurgia para correção de um problema ortopédico no joelho. Antes, e principalmente após a cirurgia tive problemas para caminhar e manter-me em pé por certo tempo.

questionário. Senti certa rejeição, mesmo que disfarçada, embora já nos conhecêssemos há algum tempo. A presidente, naquele período, Ledir, não estava, o que aumentou o meu desconforto. Com ela tinha uma especial afinidade e, além disso, sei que me ajudaria como mediadora. Insisti comparando a um trabalho de escola, ou seja, que as perguntas eram simples e importantes para os meus estudos. Geni, uma das mais falantes do grupo, se dispôs a ser a primeira. À medida que iam respondendo, observava seus comentários e notei que, com alívio, passavam aos demais que era *fácil*. Então entendi que seus motivos para a resistência estavam relacionados ao sentimento de impotência. Alguns também me disseram que pensavam que teriam de responder *coisas que eles não sabiam*. Becker (1994: 89-90) traz a relevância de estarmos atentos a aspectos observáveis por mais que sejam inesperados ou desagradáveis, para que façam algum sentido.

Todos os relatos e imagens utilizados para a pesquisa foram autorizados verbalmente e a cada encontro e conversa retomava sobre o consentimento ou não do que havia sido exposto. Mesmo antes do primeiro contato formal, criaram-se espaços para a descrição dos objetivos do trabalho. Iniciei apenas com caneta e caderno e fui questionando sobre a possibilidade do uso do gravador e fotografias, por fim, nenhum tipo de registro desta pesquisa foi exposto sem que houvesse consentimento dos sujeitos.

Apesar do desconforto da primeira entrevista, o tempo que convivi com o grupo foi suficiente para estabelecer relações de confiança. Um exemplo disso era o fato de que a maioria, após alguns meses, sentia-se à vontade com o gravador ligado a ponto de risos ou lágrimas comporem suas histórias.

A *empatia* identifica uma relação com o ator social fundada não somente sobre o esforço intelectual, mas também sobre a contribuição emotiva, sobre a capacidade do pesquisador de dar-se conta intuitivamente dos sentimentos do ator social e de interpretar, identificando-se, as experiências subjetivas. (MELUCCI, 2005, p. 57).

Sempre que fico um tempo afastada prefiro ter o novo contato mais superficialmente; no sentido de ter conversas gerais, acompanhamento da rotina atual e não com

entrevistas individuais, embora algumas pareçam estar ansiosas em ter o seu momento de diálogo. É interessante... É uma sensação muito agradável perceber a ausência de desconfiança nos olhos de João e seu Teleco que antes preferiam manterem-se a distância e agora parecem demonstrar acolhida. (Diário de Campo: 18/10/2006)

Basicamente, as técnicas empregadas durante o trabalho de campo foram entrevistas individuais e coletivas que eram transcritas posteriormente. Mas quando mencionavam que não gostariam que o gravador ficasse ligado, anotava trechos significativos que o autorizavam. Fotografias e pequenos vídeos são recursos que aprecio e que, felizmente, foram muito bem recebidos pelo grupo, o que, obviamente, enriqueceu o material de análise. Falas espontâneas eram anotadas durante observações dos trabalhos e da rotina diária, como na hora do café da tarde. Na maioria das vezes, nesse tipo de ocasião, havia um clima descontraído no qual eu me sentia bastante à vontade e integrada às brincadeiras e conversas informais. Vejo, nestas últimas experiências, algo semelhante ao que Melucci (2005: 57) coloca: *“A empatia permite, portanto, ao pesquisador abandonar, temporariamente, os próprios conhecimentos tácitos para experimentar diretamente e, assim, reproduzir dentro de si mesmo os estados mentais e as intenções do ator social”*. Ao mesmo tempo, pelo que descreve Becker sobre a equação grupo-informante-observador, esta empatia torna-se favorável: *“o papel do observador no grupo definirá a maneira como os sujeitos de seu estudo o definem influenciando no que dirão para ele e o que o deixarão ver”* (Becker, 1994: 54).

Com a intenção de obter um panorama social inicial do grupo organizei um quadro com algumas informações que considerei relevantes (Tabela 1). Entre elas, o fator idade, onde se percebe heterogeneidade. Além disso, quase todos têm filhos e são casados. A maioria é natural do interior do Estado ou de outro Estado (um caso). Há vínculos familiares entre alguns. Em relação a escolaridade, três têm ensino médio completo e os demais, ensino fundamental completo ou incompleto.

Tabela 1:

Trabalhador	Idade	Estado Civil	Nº de filhos	Cidade de origem	Escolarid.	Parentes no grupo	Encontra-se no grupo
<i>Adelino</i>	54	Casado	Cinco	Rosário do Sul	3ª série	Não	Sim
<i>Ana Cristina</i>	29	Casada	Quatro	Esteio	3ª série	Sim	Sim
<i>Ângela M^a</i> (<i>Tia Maria</i>)	47	Casada	Quatro	Cachoeira do Sul	6ª série	Não	Sim
<i>Edna</i>	18	Separada	-	Esteio	2ª série	Sim	Não
<i>Geni</i>	56	Viúva	Quatro	Sapuçaia	3ª série	Sim	Sim
<i>João***</i>	44	Casado	Dois	*	*	Sim	Sim
<i>Ledir</i>	45	Casada	Dois	Cachoeira do Sul	Ensino Fundam.	Sim	Não
<i>Lísia</i>	29	Separada	Quatro	*	*	Não	Sim
<i>Lúcia</i>	*	Casada	*	*	*	Não	Não
<i>Luciana</i>	31	Solteira	Três	*	*	Não	Sim
<i>Marlene</i>	49	Casada	Dois	Cachoeira do Sul	3ª série	Não	Não
<i>Nadir**</i>	49	Casada	Três	Costa do Ipiranga	6ª série	Não	Não
<i>Odete</i>	47	Separada	Cinco	*	*	Sim	Sim
<i>Sandra</i>	*	Casada	*	*	*	Não	Não
<i>Simone</i>	25	Casada	Uma	Júlio de Castilhos	Ensino Médio	Sim	Sim
<i>Tânia</i>	49	Viúva	Três	Esteio	Ensino Médio	Não	Não
<i>Vânia</i>	27	Solteira	-	Esteio	Ensino Médio	Não	Sim
<i>Virgínia</i>	30	Casada	Quatro	Ouro Fino (MG)	5ª série	Não	Não

* Não foi possível obter a informação por terem saído do grupo ou por terem chegado muito recentemente.

** Nadir saiu do grupo por ter sofrido um derrame cerebral.

*** João não aceitou ser entrevistado. As informações que se tem foram obtidas através da esposa, Ana Cristina.

As perguntas para a primeira entrevista foram formuladas tanto com a intenção de uma maior proximidade com o grupo quanto para definir simbolicamente o início da pesquisa aos olhos dos entrevistados. Mesmo com um formato sistemático, procurei conduzir o questionário de forma dialogada e sem rigidez na seqüência (segue abaixo). Embora conhecesse o grupo há algum tempo, não se compara ao estágio de análise de campo necessários a pesquisa. Portanto permiti, como sugere Becker para o início de trabalhos deste caráter, declarações dirigidas e espontâneas sobre si próprios ou outros e ainda aquelas que partiram de diálogo informal¹¹.

¹¹ *op cit*, p. 53.

Questões da primeira entrevista:

- 1) Nome, idade, estado civil, filhos (e idade destes).
- 2) Conseguiu estudar? Se não: por quê? Até que série? Gostaria de continuar a estudar? Por quê?
- 3) Cidade de origem. Onde mora atualmente?
- 4) Religião? Qual?
- 5) Costuma se divertir de alguma maneira? Qual?
- 6) O que mais gosta de fazer na vida?
- 7) O que mais gosta no trabalho da associação e o que não gosta.

As entrevistas seguintes foram mais espontâneas. Costumava lançar algum assunto e os depoimentos transcorriam com facilidade. Ao longo dos encontros fui surpreendida por temas que me encantavam e chocavam ao mesmo tempo – por isso, a epígrafe... E então surge a definição de que temas adjacentes ao processo de aprendizagem, como é o caso das trajetórias de vida seriam pertinentes para a composição do trabalho. E, além disso, o comportamento do catador diante dos restos, sua maneira de imaginar o mundo, sua sensibilidade quanto às atividades cotidianas e sua participação no movimento coletivo.

Este apontamento do diário de campo denota o que eu também gostaria de ter realizado como procedimento metodológico.

Estou ansiosa em conhecer suas casas... Ver a casinha de bonecas da Marlene (o quarto) com algumas vindas do lixo. De ver o carrinho pra catar sucata que Geni guarda com carinho. A filha da Simone e as da Ana. Os cavalos da Nadir e também os da Ana. Ia esquecendo, a horta da Marlene e os apliques de cabelo da Odete.
(Diário de campo – 11/09/2006)

Estava percebendo certa saturação em algumas entrevistas, pois já havia captado bastante do universo das ações e conflitos trazidos pelo grupo.¹² Becker (1994: 91) sustenta esta possível flexibilidade de procedimentos: “o pesquisador de campo não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista (...). Ele pode mudar sua relação com as pessoas, lidando de maneira diferente com elas à medida que forem se conhecendo melhor. Pode utilizar medidas não-convencionais, fazer uso da própria experiência como evidência e usar estilos agressivos e ardilosos”.

Mesmo com os objetivos frustrados para a realização de novas ações metodológicas, sigo com minhas intenções mesmo sem a chance de torná-las dados da minha pesquisa. Há um lamento diante das minhas dificuldades e imagino que tenha relação com o vínculo que acabamos criando ao longo do processo. “Pesquisador e pesquisado estão, inter-relacionados desde o momento do primeiro encontro até as últimas ressonâncias do processo de interpretação de dados” (SPINK, p. 20)¹³

¹² MARRE, J. A construção do objeto científico na investigação empírica. p.21. *Sin loco, sin date.*

¹³ *Sin loco, sin date.*

1 PROBLEMÁTICA AMBIENTAL: A Mudança e a Imersão

Atualmente o planeta é incapaz de tratar dos seus problemas vitais, e de evitar perigos mortais. A gigantesca crise que suporta carrega todos os perigos de um desastre, mas também as chances de metamorfose. Significa que quanto mais nos aproximamos de uma catástrofe, mais a metamorfose é possível. Então, a esperança pode vir do desespero. (MORIN, 2005b p. 181).

Embora eu defenda que a sensibilidade seja o passo inicial para o entendimento de que a convergência de saberes venha efetivar posturas de sobrevivência do humano e do planeta, a experiência na instituição pública fez com que eu notasse que, na maioria das vezes, é necessário *chamar* através do concreto, do número, do econômico, do prejuízo vital e real para que depois haja um envolvimento sensível com os riscos de término da *vida*.

Ecologizar o nosso pensamento da vida, do homem, da sociedade, do espírito faz-no repudiar para sempre todo conceito fechado, toda a definição auto-suficiente, toda a coisa “em si”, toda a causalidade unidirecional, toda a determinação unívoca, toda a redução niveladora, toda a simplificação de princípio. (MORIN, 2005a, p. 109).

O *ecologizar do pensamento* que Morin coloca como o fundamento da visão holística me parece em diversos momentos uma possibilidade distante da rotina social. O que já entendi um dia como o princípio, no caso a subjetividade, o sentir, o pensar, parecem ser hoje processos que sucedem dos alertas concretos. Por isso, invisto em breves alertas planetários panorâmicos e realizações locais,

focando neste último a descrição dos significados de uma associação de catadores que surge entre outras, em consequência da necessidade de metamorfose de pensamentos e de posturas econômico-sociais-ambientais. A reciclagem, catadores, resíduos sólidos, vidas, enfim, todos estão imersos a este universo de prejuízos ambientais preocupantes e paradoxalmente possíveis formas curativas neste contexto.

1.1 Projeções e dados – A necessidade de mudanças

Os resultados de pesquisas da ONU concluem que diante dos panoramas econômicos atuais e de consumo é praticamente impossível manter os mesmos níveis no futuro, já que a previsão é de que a população de nosso planeta atinja cerca de 10 bilhões em 2050. Este consumo intensifica-se de acordo com o nível de desenvolvimento do país, porém isto não significa que suas reservas minerais sejam mais ricas. Como exemplo, os Estados Unidos dispõem de muito pouca bauxita em seu território (matéria-prima para o alumínio) e importa da América Latina por valores bastante baratos. Em compensação, produz e exporta quase a metade do alumínio no mundo todo por preços exorbitantes (Galeano, 1988: 281). Mesmo com a ausência do minério, os EUA consomem 24 quilos por habitante/ano de alumínio. O Brasil tem este mineral entre os mais extraídos do seu território e a média consumida em quilos por habitantes/ano é menor do que 5¹⁴. Embora o que tento exemplificar seja ínfimo diante de uma esfera global, o espanto é inevitável. Mas a intenção não é trazer aspectos de percepção político e/ou militante, mas fazer com que iniciemos um processo de inquietude em relação ao que a natureza nos dispõe e ao que oferecemos a ela enquanto humanidade.

Ligando a isso, faço menção ao lixo que representa um dos mais graves problemas ambientais da atualidade sobre o qual a Agenda 21 (1996: 420) alerta: a existência de padrões de produção e consumo não sustentáveis podem

¹⁴ TEIXEIRA et al, 2000, p. 453.

quadruplicar ou quintuplicar até o ano 2025 a quantidade de resíduos produzidos no mundo. No Brasil, a partir dos dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2000 do IBGE, concluiu-se que das 200 toneladas de lixo produzido no Brasil diariamente 48 são destinadas aos lixões¹⁵, 82 a aterros sanitários e apenas duas toneladas são encaminhadas às usinas de triagem. Isso demonstra que o panorama nacional da destinação final do lixo é alarmante embora cerca de 94% da população urbana já esteja atendida com serviço de coleta domiciliar de lixo.

Em função destes índices e de inúmeros outros no planeta é que há movimentos em defesa de aterros sanitários, de alertas a sociedade sobre o consumo desenfreado, campanhas de coleta seletiva e de apoio a cooperativas de triagem de resíduos sólidos. Pois o despejo inadequado do lixo gera contaminação do solo, rios e águas subterrâneas, além da proliferação de parasitas e doenças entre famílias que vivem da catação. Salientando ainda que o gás metano produzido pela matéria orgânica dos lixões contribui para o efeito estufa. Das 8.381 Unidades de Destinação Final do Lixo Coletado do Brasil, 5.993 são lixões a céu aberto, ou seja, 70% (IBGE, 2000). O país inteiro (até o ano de 2000) tinha apenas 596 usinas de reciclagem (a de Esteio já estava ativa neste período), das quais 256 estavam em nosso Estado. Além disso, dos 5.475 Municípios, somente 451 contam com coleta seletiva sendo 138 no RS¹⁶.

¹⁵ Depósitos imensos a céu aberto onde se despejam toneladas de lixo de toda espécie, sem qualquer tratamento.

¹⁶ Acho importante lembrar a relevante informação trazida por Martins (2003) e complementarmente Russel (1997): “A primeira associação de catadores na RMPA, que foi também a primeira no Rio Grande do Sul como um todo, organizou-se na Ilha Grande dos Marinheiros em 1986, com o nome de Associação de Catadores de Material de Porto Alegre. Surgindo no contexto de um trabalho eclesial de base da Igreja Católica, orientado e desenvolvido pelo irmão Antônio Cechin e por sua irmã Matilde (...) a associação da Ilha Grande serviu como laboratório para o programa de apoio à formação de associações de catadores/recicladores adotado pela municipalidade de Porto Alegre a partir de 1989. (...) A idéia de se fazer o trabalho na Ilha Grande dos Marinheiros, considerado o maior reduto de catadores de rua de Porto Alegre na época, ocorreu como uma proposta de resgate social da população local, constantemente flagelada pelas enchentes e vivendo em condições bastante precárias. A experiência na Ilha Grande dos Marinheiros abrangeu, inicialmente, 10 famílias; mesmo tendo sido árdua, pela inexistência de tradição de organização entre os catadores, ela serviu como piloto para a criação de novas associações e para a construção de galpões de reciclagem, o que foi implementado nas décadas seguintes. Segundo o Irmão Cechin, efetivamente o “laboratório” na Ilha serviu de base para a constituição de cerca de 100 unidades de reciclagem, 12 criadas no Rio Grande do Sul, desde aquela época.”

Além dos religiosos, haviam outras pessoas que faziam a assessoria comunitária às associações de Porto Alegre que reuniam-se semanalmente sob a coordenação do Professor Nilton Bueno Fischer, na Faculdade de Educação da UFRGS para refletir sobre suas práticas educativas, compondo,

A disputa por espaço para disposição dos resíduos já está gerando dificuldades de negociação em algumas cidades. Destaco que, se todo o lixo destinado aos aterros fosse apenas o orgânico, esses locais poderiam ser reutilizados após um determinado tempo e os rodízios para disposição desses materiais seriam possíveis. Mas como boa parte do que é encaminhado leva séculos para se decompor (Tabela 2), todos os habitantes de um município (que *precisam* de espaço para seu lixo) já terão se decomposto e desintegrado enquanto que os aterros e/ou lixões ainda estarão ocupados por aqueles resíduos que produziram e que poderiam ter sido reciclados, ou seja, convertidos em outros materiais semelhantes aos iniciais, comercializados novamente no mercado de consumo, poupando a extração de recursos naturais e ainda promovendo ações de resgate social através da criação de associações e cooperativas de catadores como a de Esteio e de outros municípios.

Tabela 2:

Tempo necessário para a decomposição de alguns materiais

MATERIAL RECICLADO	PRESERVAÇÃO	DECOMPOSIÇÃO
1000 kg de papel	corte de 20 árvores	1 a 3 meses
1000 kg de plástico	extração de milhares de litros de petróleo	200 a 450 anos
1000 kg de alumínio	extração de 5000 kg de minério	100 a 500 anos
1000 kg de vidro	extração de 1300 kg de areia	4000 anos

Fonte: site www.lixo.com.br

Mas os dados estatísticos e prognósticos catastróficos são parte de um processo de revisão de paradigmas e projeções. Como traz Morin (2005a: 109), não é possível colher os frutos deste repensar se não houver um pensamento que

juntamente com alguns pesquisadores, o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Assessoria em Educação Popular, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (RUSSEL, p. 21).

reconheça o problema de fato com sua complexidade. Complemento com o que traz Melucci (2004) onde afirma que há um desafio muito maior para a concretização de mudanças considera que é preciso *existir na continuidade e na descontinuidade que ligam natureza e cultura*; ele complementa e define como *planeta interno*:

Ao homo sapiens, espécie ereta e dotada de cérebro resta a dura tarefa de saber-se jogado “entre a terra e o céu”, como diria a antiga sabedoria oriental: isto é, aceitar o próprio arraigamento na terra sobre a qual os homens apóiam os pés e afirmar a própria aspiração ao céu, rumo ao qual orienta-se sua cabeça. O planeta interno, ponto de encontro entre o corpo e a linguagem, entre comportamento e reflexão, é o elo dessa conexão, a conjunção entre terra e céu. (MELUCCI, A. 2004. p. 89)

1.2 O Sensível Necessário e a Educação Ambiental

(...) Que compreensão de ser humano está subentendida no projeto científico-técnico de dominação da natureza? A resposta mais provável será: o ser humano se entende (ilusoriamente) como o ápice do processo de evolução, o centro de todos os seres (antropocentrismo) e considera que as demais coisas, especialmente a natureza, só têm sentido quando ordenadas ao ser humano; ele pode dispor delas ao seu bel-prazer. (BOFF, p. 35, 1999)

Apontei fragmentos micrométricos do caos visível e previsível do país e do mundo. Informações que não se baseiam em idealizações ambientais (que são também importantes), mas em dados numéricos de pesquisadores e cientistas, inclusive acrescento as projeções do físico Fritjof Capra que diz que “Defrontamos com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a

vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível¹⁷. Morin (2000) coloca que o próprio desenvolvimento sustentável pode chegar a um ponto insustentável caso uma noção mais rica de desenvolvimento intelectual, afetiva e moral não se apliquem.

A chegada a este caos talvez se justifique por uma trajetória humana constituída de aspectos que fizeram os homens entenderem-se como espécie soberana sendo pela percepção do sagrado que alimentou a convicção de preferência ímpar aos olhos do Criador ou pelas considerações evolutivas da ciência que entende o *Homo sapiens* com habilidades singulares diante das demais espécies, logo, superior para o comando pleno... Dentro desta perspectiva, sensivelmente Unger (2001) caracteriza esta postura utilitarista *como a pretensão do ser humano de reduzir os seres e as coisas à única dimensão da funcionalidade, como se sua existência não pudesse revelar outros múltiplos sentidos*¹⁸.

A natureza se levanta de sua opressão e toma vida, revelando-se à produção de objetos mortos e à coisificação do mundo. A superexploração dos ecossistemas, que os processos produtivos mantinham sob silêncio, desencadeou uma força destrutiva que em seus efeitos sinérgicos e acumulativos gera as mudanças globais que ameaçam a estabilidade e sustentabilidade do planeta: a destruição da biodiversidade, a rarefação da camada estratosférica de ozônio, o aquecimento global. O impacto dessas mudanças ambientais na ordem ecológica e social do mundo ameaça a economia como um câncer generalizado e incontrolável, mais grave ainda do que as crises cíclicas do capital. (LEFF, 2001, p. 56.)

Enrique Leff (2001) em seu livro *Saber Ambiental* traz em alguns capítulos esta necessidade emergente de mudanças nos paradigmas sociais em relação à questão ambiental. Não se pretende obviamente romantizar a sociedade, quer-se que ela sobreviva, ou seja, *o movimento ambiental não é uma fuga ao passado, mas a invenção de um novo futuro; não é a recusa da ciência, mas a fusão dos saberes tradicionais e do conhecimento moderno*. Assemelha-se ao que destaca

¹⁷ CAPRA, F. São Paulo: Cultrix, 1996, p. 20

¹⁸ UNGER, N. M. Cortez, 2001, p. 112.

Unger (2001)¹⁹, sobre o pensamento de Heidegger a este respeito, quando ele coloca que seria insano e simplista a recusa do mundo tecnológico instalado, do qual todos já temos necessidade. Precisamos das invenções técnicas e delas dependemos. É desnecessária, sim, a servidão ao tecnológico. Servidão esta que cega às estatísticas para escassez de água e recursos naturais em menos de cinqüenta anos, mas aponta a riqueza per capita em doze meses. Assim como na citação de Leff a seguir, descreve-se que o discurso e a preocupação com a crise ambiental planetária não é recente. Ela surge nos anos 60, porém somente na década seguinte iniciaram-se conferências, entre elas, a de Estocolmo (Suécia) em 1972 e a de Tbilisi (Geórgia) em 1977. Nas duas ocasiões foi delineada a importância de programas e ações educativas sobre o meio ambiente a fim de oportunizar a educação ambiental a todos os povos. Segundo Carvalho (2002) pelo caráter social e político da época, principalmente em nosso país, praticamente não houve repercussão destes eventos e, aqueles que tentavam, precisaram redenominar suas discussões para não atrair a atenção política repressora de então.

O discurso do desenvolvimento sustentável foi sendo legitimado, oficializado e difundido amplamente com base na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, celebrada no Rio de Janeiro, em 1992. Mas a consciência ambiental surgiu nos anos 60 com a primavera Silenciosa de Rachel Carson, e se expandiu nos anos 70, depois da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, celebrada em Estocolmo, em 1972. Naquele momento é que foram assinalados os limites da racionalidade econômica e os desafios da degradação ambiental ao projeto civilizatório da modernidade (LEFF, 2001, p. 16.)

Na conferência internacional sobre educação e formação ambiental em Moscou (1987) promovida pela UNESCO discutiu-se a necessidade urgente de incluir a educação ambiental em todos os sistemas educativos dos países. E em 1988, nosso país inseriu EA (educação ambiental) na educação formal e informal na Constituição Federal no Art. 225, § 1º, inciso VI: *“promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”*.

¹⁹ *op cit* p. 128

Na Rio 92, Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, na cidade do Rio de Janeiro, aprovou-se a “Agenda 21”, que lançou o chamamento para a sobrevivência de nossa espécie, lançou advertências relacionadas ao nível de emissões de dióxido de carbono, a proteção de materiais genéticos, ao gerenciamento e manutenção de florestas e ao desenvolvimento sustentável. Quanto à educação ambiental, as recomendações também foram bastante consistentes e destacou-se que esta não viesse a ser uma abstração intelectual, mas uma postura de vida determinante para iniciativas sociais que propunham soluções realistas. Enfim, a intenção nesta rediscussão de EA foi de explicitar que o homem é agente do processo ambiental e não mero espectador.

Em 1999, vigorou a Lei Federal nº 9.795 de 27 de abril, de educação ambiental: Art. 2º “*A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo em caráter formal e não-formal*”. Por fim, destaco que a educação ambiental é a forma de traçar maneiras de sensibilizar e educar o ser humano para que ele reconheça sua importância no processo de conservação do meio que o circunda, dos recursos que utiliza e, além disso, fazê-lo um multiplicador.

Temos leis, tivemos e ainda teremos confêrencias (locais, regionais), no entanto, ainda há muitas prefeituras sem coleta seletiva ou que esbanjam seus recursos naturais. Ou então cidades que têm seus galpões de reciclagem, porém a chegada de material para triagem ainda é frustrante mesmo que o trabalho de divulgação através de EA ocorra com freqüência. Talvez porque a percepção utilitarista do humano ainda consuma seu sentimento de *parte* do mundo e, por isso, é preciso continuar tentando trazer seu *planeta interno* à tona. Melucci (2004) traduz o que muitos educadores ambientais tentam dizer em outras palavras quando manifestam este tipo de angústia:

Ocupar-se do planeta interno como parte integrante de uma atitude ecológica significa ultrapassar a ecologia do sintoma para assumir a responsabilidade do nosso existir no mundo. Significa aceitar que somos aquela parte da natureza capaz

de transformá-la, porque podemos pensá-la, imaginá-la e sonhá-la. Por isso podemos também cuidar dela. A começar pela natureza que está dentro de nós. (MELUCCI, 2004, p. 78).

Encerrando este capítulo que tenciona à reflexão sobre o sentir e ser dentro de um contexto necessitado de ações, finalizo com algo possivelmente ainda mais instigador. Morin (2005a) em sua obra que parece ser a que mais retrata a condição humana, lembra que nossas ações egoístas perante a *vida* estão engolfadas à nossa natureza mamífera, porém intensificada pelos caracteres ímpares da espécie. Mas aquilo que também pode justificar nosso potencial para a destruição está mergulhado na mesma condição de amar mais que qualquer outra espécie:

Nós, mamíferos, somos seres de *pathos*. O *pathos* não exprime somente a nossa idiosincrasia particular, exprime o nosso ser subjetivo doravante marcado por sensações e sentimentos egoístas e ego-altruístas. É a nossa própria existência. Somos atrações e repulsões uns para os outros. Lambemos, esfregamos, afagamos, mostramos os dentes, mordemos, batemos. Cada uma das nossas alegrias exprime a plenitude real da existência. O gozo, o êxtase projetam-nos no limite ebulitivo de nós mesmos.

Trazemos em nós uma capacidade inaudita de padecer e de gozar, uma capacidade de brutalidade ilimitada e de ternura infinita, e podemos passar quase instantaneamente de uma a outra. Esta é a nossa natureza mamífera, que traz em si mais ferocidade e amor que qualquer outra. (MORIN, 2005a, p. 261)

2 ADERINDO À MUDANÇA

A vida no planeta não é mais garantida por uma ordem divina, mas é posta nas mãos frágeis e hesitantes de cada um de nós. (Melucci, 2004, p. 159)

(...) Fazer dos limites um objeto de escolha é uma possibilidade única da nossa cultura, porque somos os primeiros a produzir a capacidade de nos destruir (...). Isso significa que a sobrevivência ou a catástrofe, a aceitação dos limites ou sua superação são nossa responsabilidade. Não basta entregar-se à natureza, é preciso optar por ela, com maior empenho cultural e conscientização, com uma capacidade de presença que tem seu início no espaço e no tempo cotidianos. (MELUCCI, 2004, p. 37).

Investiguei e entendi que trabalhos relacionados à Educação Ambiental e Coleta Seletiva na cidade de Esteio começaram (até onde se conhece formalmente) há poucos anos. Para este registro e para o conhecimento da origem do processo de coleta seletiva na cidade onde ocorreu a pesquisa entrevistei a professora e técnica ambiental, Marta Zavalick, lotada no município de Esteio desde 1992. Foi diretora e secretária da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Esteio. Na entrevista, Marta relatou que tanto o início do projeto de educação ambiental quanto o de implantação de uma triagem de resíduos sólidos partiram dela e do prefeito da época, Vanderlan Vasconcelos – isto em 1997. Basicamente, esta iniciativa é que deu forma ao espaço físico para a instalação de associações que se beneficiam (aram) de materiais recicláveis.

A professora Marta assumiu a direção da estação de transbordo de Esteio em 1999 e conforme seu relato observações pessoais, todo o lixo de Esteio ia para este local sem nenhum tipo de separação. Concluiu, juntamente com o prefeito, que deviam pôr em prática um projeto que permitisse que pessoas fossem beneficiadas com o material que, até então, era enterrado nas dependências da

SMMA. Após as instalações físicas, a primeira associação iniciou seus trabalhos; porém, com o tempo, notou-se a insalubridade do trabalho, já que as sacolas não tinham apenas lixo reciclável: seu conteúdo era acompanhado de ratos, restos de comida, fezes, rejeitos sanitários etc. Em função disso, assim que a Associação daquele período encerrou seu contrato por problemas administrativos foram intensificados os trabalhos de educação ambiental nas escolas e comunidade em geral a fim de otimizar o processo de separação de resíduos.

Mas para a consolidação da Coleta Seletiva em Esteio percorreu-se um trajeto por vezes cansativo quanto a argumentações e tentativas de convencimento. Presenciei inúmeras vezes as tentativas argumentadas da SMMA de substituição gradativa do recolhimento comum pela coleta seletiva alertando as demais repartições públicas envolvidas do seu retorno ambiental e econômico futuros.

A coleta seletiva, medida que felizmente Esteio insistiu em se integrar é a atividade de recolhimento do lixo nas residências, o chamado lixo seco, ou seja, aquele que não é orgânico ou rejeito (orgânico: restos de alimentos, vegetais; rejeito: lixo de banheiro), encaminhando-o para uma Associação ou Cooperativa de reciclagem onde ele será separado por diferentes famílias de materiais recicláveis (papéis, vidros, plásticos e metais). Esses materiais, após sua triagem por cores, tipos, tamanhos, entre outros critérios (que variam conforme a composição), são prensados e enfardados ou simplesmente acondicionados em recipientes adequados para cada tipo específico, para posterior comercialização (Tabela 3). Realizando a Coleta Seletiva, os custos ambientais e econômicos podem ser bastante reduzidos e os benefícios sociais alavancados, pois se aumenta a vida útil dos aterros sanitários, amplia-se a discussão ambiental com a população, reduzem-se os custos com tratamento e disposição final destes resíduos e geram-se empregos diretos e indiretos.

Tabela 3:

Média dos Preços em Reais da Tonelada de Cada Material Reciclável

Papelão	Papel branco	Latas aço	Alumínio	Vidro incolor	Vidro colorido	Plástico rígido	PET	Longa vida
250	400	150	2.500	70	50	350	600	90

Fonte: CEMPRE - 2007

Atualmente a coleta seletiva está sendo ampliada de forma gradativa, e escolas são os espaços mais envolvidos neste processo; nos bairros em que a coleta ocorre há mais tempo o número de material reciclável coletado também vem crescendo. Ledir (presidente da ARCA na época da entrevista mas que atualmente não compõe o grupo), em um de nossos encontros manifestou seu otimismo quando perguntei sobre a possibilidade de alcançarem o salário mínimo: *“Mas nós vamos conseguir! Eu já disse pra elas: gurias, vamo para um pouco e pensá: vamo trabalhar direitinho porque nós temos telefone de graça, nós temos luz de graça, nós temos caminhão pra toda hora, tinha caminhão só pra parte da manhã, já tem o caminhão pra o dia todo, eu disse pra elas: nós temos tudo pra dar certo. Vamos para um pouco com esse ti-ti-ti²⁰ pra lá e pra cá. Aí acho que vai melhorar bastante...”* Geni, que foi catadora de rua por muitos anos colocou em um de nossos encontros sua satisfação de hoje compor uma associação com o seguinte exemplo: *“Depois que eu entrei na ARCA eu pude abrir conta em loja. (...) comprei o telefone, paguei todo ele, tirei a bicicleta, (...) pra mim, melhorou cem por cento porque pelo menos fiquei com o crédito limpo, né?”*

A partir da fala de Ledir e Geni nota-se uma consideração e valorização daquilo que lhes é oferecido para a execução de seu trabalho. Em pesquisa de trabalhos análogos ao meu, notei que são descritas, ao contrário da ARCA, insatisfações de grupos ou associações semelhantes. Como exemplo cito Marta

²⁰ Não pedi detalhes sobre estes conflitos, pois sabia que relacionavam-se à uma situação presente. No entanto, estas questões foram revistas no decorrer da pesquisa. Becker traz uma consideração que acredito relacionar-se com o fato: *“muitas evidências consistem em declarações feitas por membros do grupo em estudo sobre algum acontecimento que tenha ocorrido ou esteja em processo. Elas não podem ser levadas em conta por seu valor literal; nem tampouco podem ser descartadas como desprovidas de valor”* (BECKER, 1994, p. 52).

Velloso em seu trabalho “Os catadores de lixo e o processo de emancipação social”: “(...) observamos uma desconfiança mútua na relação de parceria entre o poder público e as associações. Nas associações, quanto ao modo como os serviços públicos tendem a assumir uma atitude diretora. Já no poder público, quanto à capacidade de gestão dessas iniciativas”. Cito também um trecho de uma entrevista que realizei com um dos atuais responsáveis pelo projeto na SMMA e tanto nesta fala de Alcebíades (conhecido por Piuí) quanto pelo período que permaneci no local, é notável a credibilidade dada à Associação a fim de que progridam econômica e estruturalmente: “O nosso projeto é trabalhar com 30 pessoas com a esteira ativada dando uma renda, se possível, 600 reais. A gente tá caminhando pra isso, não é fácil, mas a gente tá sempre mandando projeto a mais pra tentar captar recursos.”

De acordo com Calderoni (1998)²¹, a formação de associações ou cooperativas de catadores consiste em uma relevante inovação institucional, já que permite uma melhora nos ganhos desses trabalhadores em relação ao trabalho de catação de rua e os torna menos vulneráveis nas negociações com os compradores do material reciclável. Em associações, supõe-se que os catadores passem a trabalhar de forma organizada e estruturada em relação a separação e venda dos resíduos. Para as autoras Medeiros e Macedo (2006) afirma-se indiretamente a vantagem de agregação a Associações daqueles que vivem exclusivamente do trabalho de catação de rua onde e, portanto à mercê de intermediários. A esse respeito colocam que

(...) excluídos do mercado de trabalho, os trabalhadores encontram na catação a possibilidade de garantir sua sobrevivência (...). Contudo, trata-se de uma inclusão perversa, pois como se pode verificar, com a lucratividade assegurada pelos processos de reciclagem, estes estão sendo realizados por pessoas de diferentes segmentos e até mesmo por organizações terceirizadas, o que conduz paulatinamente para nova exclusão dos catadores. (MEDEIROS, L. F. R. e MACEDO, K. B. 2006)

²¹ CALDERONI, Sabetai. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 1998, p.83.

Esta discussão social tornou-se pauta das palestras de divulgação e sensibilização oferecidas pelo DEA para parcerias com o projeto de coleta seletiva na tentativa de explicitar a importância destes trabalhadores para a sociedade já que são indivíduos que, na maioria das vezes, passam despercebidos enquanto trabalhadores.

Considero que a iniciativa pública é de extrema importância para a formação de associações e cooperativas de catadores já que a longo prazo o retorno poderá ser tanto financeiro quanto ambiental a uma cidade. Há grande dificuldade para a maioria dos grupos que tentam se consolidar e tornar a catação e triagem de resíduos sólidos um meio de incluir-se no mercado de trabalho, devido ao alto custo das prensas e outros instrumentos que qualificam o material reciclável para a venda. Mas em alguns municípios como em Esteio, entendeu-se que pelo custo ambiental, deslocamento dos caminhões e o valor pago por tonelada para acondicionar seu lixo, equipar um espaço para o trabalho de uma associação de reciclagem seria investir na própria cidade. Houve e ainda há dificuldades desde a implantação do projeto, no entanto nos últimos dois anos um novo grupo se consolida para o trabalho de triagem e o retorno de resíduos está se tornando significativo devido às campanhas de educação ambiental voltadas à sensibilização para adesão à coleta seletiva.

3 FORMAÇÃO, OCUPAÇÃO E OS DESAFIOS



Figuras 1 a 5: Organização e seleção de materiais no galpão de reciclagem.

*“A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos",
contribui para uma história que não só é mais rica,
mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.”
(THOMPSON, 1992)*

Durante o período de atividades de campo nem sempre conseguia conversar com todos os integrantes da ARCA, ora por estarem ausentes ora por falta de tempo. Portanto, com alguns foi possível uma aproximação maior a partir das entrevistas e diálogos e com outros nem tanto, principalmente com os que saíram durante a pesquisa e os que entraram no grupo nos últimos encontros. A receptividade para as conversas e perguntas era acolhedora, mesmo quando pediam para que eu desligasse o gravador. Isto ocorreu poucas vezes, em geral era porque queriam colocar sua opinião sobre situações difíceis pessoais ou profissionais. Eu os ouvia com a mesma atenção... Mary Spink, em seu trabalho sobre a ética na pesquisa social, atenta para o resguardo das relações de poder nos espaços de entrevista:

O resguardo das relações de poder abusivas busca o estabelecimento de uma relação de confiança em que é assegurado aos participantes o direito de não-revelação ou de revelação velada, como no pedido de desligamento do gravador. Do ponto de vista do pesquisador, o cuidado que se coloca é o da sensibilidade quanto aos limites apropriados da revelação. (SPINK, *in date*, p. 20)

Nas primeiras entrevistas formais conversei com Geni, atual presidente da Associação (talvez seja a que tenha tido a vida mais sofrida) é a mais falante e disposta do grupo e por conta disso foi com quem eu mais interagi. Sua motivação para os relatos estava na expectativa de saber que sua história, repleta de dores e encerrada com o sucesso de compor a ARCA, seria enfim registrada, já que define sua trajetória como um livro... Conta que começou a trabalhar aos nove anos em *casa de família* e trabalhou como catadora de rua nos últimos quinze anos onde

passou fome e muitas vezes frio, até que se agregou à ARCA. Descreve que “*agora tá muito bom (...). Eu, pra mim, foi um milagre eu saí das rua, né? (...) não tô mais nas rua passando fome, tomando aquelas água quente com pão duro que às vezes as pessoas davam, né?*”²²

Ela ainda coloca que o que mais gosta de fazer na vida é reciclar. Chamou-me a atenção o reconhecimento que ela tem como *dom* essa sua capacidade de separar materiais. Comenta com orgulho dizendo: “*desde os 9 anos eu já capinava e separava. Às vezes a gente separava tudo... o que era plástico dava para o lixeiro e folha e coisa assim tocava no canteiro pra apodrecer e virar adubo. Quem diria que eu ia ser recicladora!*”

Claudia Fonseca (1998) em seu artigo “*Quando cada caso não é um caso*”, entre as considerações de sua prática, coloca que “*a histórica social contribui para desconstruir premissas que penetram profundamente na cultura do pesquisador*”²³. De fato, e principalmente diante da descrição da percepção de trabalho com reciclagem que Geni demonstra, o *estranhamento* foi a impressão que marcou este contato. A consideração de *dom* e realização profissional destoa da hipótese intrínseca de que o trabalho com catação e reciclagem seja entendido por estes trabalhadores apenas como *falta de opção* para a inserção no mercado de trabalho.

Geni concluiu esta primeira conversa sabiamente colocando que: “*Dizer que trabalha na separação de lixo, têm pessoas que já olha assim com uma cara... A diferença é que tu tá ali num escritório, trabalhando no computador, é normal, é a mesma coisa que tu tá lidando com a caneta, mas tu tá trabalhando também, é um trabalho como o outro. Não tem diferença nenhuma porque tu é professora, aquele é médico, aquele advogado... Todo serviço honesto é serviço*”.

²² Para esta última frase de Geni, a qual acredito que dificilmente não provoque condolência de quem a lê (tão pouco de quem a ouviu), e por isso não poderia deixar de relacioná-la a um *lamentar* ou, quem sabe, diagnóstico de Morin (2005a: 27) sobre a crise de fundamentos éticos atuais no mundo ocidental, onde certas ações do humano, como a falta de compaixão, têm se expandindo não tratando-se de características locais isoladas: “*Deus está ausente. A Lei foi dessacralizada. (...). O sentido da responsabilidade encolheu; o sentido da solidariedade, enfraqueceu-se.*”

²³ FONSECA, C. Anped, 1998, p. 20.

No entanto, trata-se de um caso individual já que, conforme entrevistas posteriores com os demais recicladores, verifica-se uma heterogeneidade nas impressões de suas condições profissionais.

Um exemplo de contraste entre as percepções do trabalho na ARCA são observáveis na forma como Simone descreve sua insatisfação de estar inserida neste tipo de atividade: *“Olha, eu já larguei currículo em um monte de lugar, tô rezando pra que me chamem ainda. Eu aprendi muita coisa aqui, mas não é uma coisa que eu queria pra mim não (chorou). É como eu disse pra minha mãe: eu estudei tanto pra acabar aqui!”*

3.1 Primeiros passos

No artigo “Os catadores de lixo e o processo de emancipação social” Marta Veloso traz que os novos movimentos sociais representam a afirmação da subjetividade sobre a cidadania, fundada na expressão do novo e na atividade criadora, na luta pela emancipação pessoal, social e cultural onde os protagonistas já não são as classes sociais, mas grupos sociais independente de maiores ou menores que as classes atuando com objetivos coletivos, porém localizados mas não excludentes do âmbito universal. A criação da ARCA caracteriza-se por este movimento. Um grupo social com interesses próprios, mas que independente da persistência mais atuante de alguns membros propõe a agregação de outros na mesma condição de exclusão social ao seu propósito antes e depois da conquista.

Geni relata o início das reivindicações para a formação do grupo: *“levamos anos e anos trabalhando e foi aí quando nós montamos essa Associação eu e mais um grupo de oito. Tinha uns que dizia assim pra nós ‘isso é besteira, isso não vai dar em nada, só vão perder tempo com este negócio de prefeitura’. Mas aí foi*

indo todo mundo se a retirou e fico só eu e a Ana²⁴ com os papel, aí a gente entrou na prefeitura, até que a gente chegou até aqui e foi quando eu saí das rua". Questionando como alguns vieram compor o grupo, já que apenas duas ficaram reivindicando a sedência do espaço, soube que o "recrutamento" de pessoas para somar um número suficiente a fim de constituir-se como associação deu-se num primeiro momento entre parentes e catadores conhecidos da vizinhança e das ruas. Um exemplo é a fala de Ângela Maria (tia Maria): *"a dona Geni andava nas casa procurando gente pra reciclagem foi onde eu encontrei ela pra trabalhá aqui"*.

Quando Geni e seu grupo passaram a ocupar as instalações da SMMA para o trabalho de triagem de lixo, alguns membros remanescentes da associação anterior estavam ainda no espaço. Porém, tanto o grupo que entraria quanto o outro estavam diante do impasse de somarem um número suficiente de pessoas para a legalização dos trabalhos. Com a mediação da SMMA e de um sociólogo voluntário interessado nas questões de cooperativismo, os trâmites legais e a fusão se concretizaram e Ledir, membro do grupo anterior, foi eleita presidente da ARCA.

As dificuldades foram grandes no início. Quando comecei a pesquisa pedi à Ledir informações referentes a salários e progressos financeiros desde o início dos trabalhos. Contou que o material que chegava nesta época era muito pouco, tanto que quando perguntei quanto conseguiam em dinheiro por mês, rindo, ela respondeu-me que eram dez reais; porém, a média já estava beirando os duzentos reais (referente ao período de julho de 2004 a setembro de 2005 respectivamente).

Atualmente a cada duas ou três semanas conseguem material suficiente para ser vendido. A maioria dos compradores se desloca até o local, quando se trata de uma carga significativa²⁵. A pesagem é feita ali mesmo, no galpão e o pagamento é à vista. No mesmo dia em que ocorre a venda o dinheiro é

²⁴ Não se trata de Ana Cristina, filha de Geni, mas de uma moradora também da Vila Barreira, que quando o estatuto da associação estava sendo construído se retirou do grupo, pois soube que não poderia atuar apenas com as atividades burocráticas já que, segundo ela, seus problemas de saúde eram empecilhos para o trabalho de triagem no galpão.

²⁵ O que corresponde a um caminhão cheio, por exemplo, para que compense o deslocamento da empresa compradora.

repartido entre eles. O pagamento é recebido de acordo com os dias trabalhados de cada um. Pelas minhas observações, não há um percentual fixo para compor o caixa da associação, geralmente deixam o suficiente para despesas fixas para o gás e o contador. Para o controle de dias trabalhados utilizam uma chamada por turno controlada por Ana Cristina. Entendem que, em função do ainda baixo rendimento, é inviável guardar alguma reserva maior, logo, economias que possam constituir décimo-terceiro ou outros benefícios ainda não são cogitados pelo grupo.

Embora eu já tenha escutado de algumas pessoas que elas poderiam se dedicar mais aumentando seu horário de trabalho semanal, como por exemplo, não saírem antes do meio-dia para almoçar ou não fazerem o intervalo da manhã e o da tarde por tanto tempo (a média é de 20 minutos por turno), lembro de um episódio que me marcou e registrei em meu diário:

Saí de lá, as ruas estavam vazias. Dia de jogo do Brasil na Copa e elas trabalhando. Achei que saíam mais cedo, mas para elas era um dia normal. Tudo a volta em “recesso”, o ônibus e o trem praticamente vazios e elas trabalhando... (Diário de Campo – 13/06/06)

De fato, eu também notei a pressa de organizar e limpar o galpão para ir embora o quanto antes em várias ocasiões, mas como será descrito adiante, este trabalho é muito bem-vindo por alguns; porém, não me parece o suficiente para estranhar ou considerar falta de empenho, já que tal rotina é *regada*, muitas vezes, por extrema monotonia e mau cheiro, sem contar que, para a maioria, o lazer ou o prazer de suas vidas está exclusivamente em suas casas, entre netos, filhos, chimarrão, música e programas de televisão...

3.2 O Espaço... O Sagrado...

O verdadeiro saber se desenvolve em consonância com o sentimento de reconhecimento do sagrado e o respeito pelo que é conhecido. São esses sentimentos que constituem o antídoto à arrogância humana, à possibilidade de desvirtuamento do conhecimento. (UNGER, 2001, p. 91)

Tanto nas primeiras entrevistas quanto após um período de aproximadamente um ano e meio, muitas catadoras ainda colocavam que gostavam de suas atividades no galpão. Mas são as pessoas que acompanharam os momentos de maior dificuldade financeira para a Associação que mais destacam suas satisfações com o atual momento. Outras vislumbram um emprego de carteira assinada. Porém, há algo unanimemente aceito em um dos espaços mais curiosos e especiais do prédio de descanso: um altar. Ali, seja para agradecer as relativas *boas vendas*, seja para reconhecer o *socorro* até que uma oportunidade melhor surja em seus caminhos, ou, ainda, para o consolo de seus sofrimentos, é que a demonstração de cumplicidade deste grupo se manifesta²⁶.

Siqueira, 2005²⁷ coloca que esta relação de trabalho e espiritualidade, configura-se pela necessidade da procura de valores que transcendam a materialidade, aquilo que busca sentido, “significado para estar no mundo (família, trabalho)” e um equilíbrio entre as diferentes esferas da vida. E que o trabalho ultrapassa o limite do tempo físico passado naquele espaço mas que mobiliza a personalidade por completo.

Esse grupo apresenta uma diversidade religiosa. Entre suas crenças estão: Umbanda, Espiritismo, Catolicismo, entre outras, chamadas por eles de evangélicas. Mas a imposição de dogmas aos colegas não foi notada durante o período da pesquisa, onde o altar e alguns relatos parecem denotar certa

²⁶ “Meu olhar, por vezes tentando identificar as relações de trabalho e inclusão, lixo e cidadania, renda e dignidade, se depara em diversos momentos com aquilo que mais se explicita neste grupo: emoções, otimismo, fé...” (Diário de Campo, 11 de setembro de 2006)

²⁷ SIQUEIRA, Deis. Soc. Estado. Brasília, v. 20, n. 3, 2005.

flexibilidade religiosa²⁸. Um exemplo é o de Ana Cristina, católica não praticante, que, ao relatar um dos seus momentos de dificuldade nos últimos meses traz a seguinte fala: *“Minha égua ficou doente, sem dinheiro, sem nada, eu chorava, achava que era a “fulana” que tava fazendo alguma coisa, que ela é do batuque, né?”*

²⁸ Brandão traz em um trabalho sobre crenças e religiões no Brasil, uma constatação interessante sobre a relação do sagrado, homem e modernidade, referindo-se também ao caráter de plasticidade neste contexto: *“Eis um dilema: tudo muda, mas tudo permanece mais ou menos igual. Anunciou-se em séculos e décadas passadas o “fim da religião” e a “morte de Deus”! Ei-los vivos por toda a parte e gozando de boa saúde. A religião convive com ciências e as ideologias e não parece perder terreno, mas antes revigorar-se e abrir-se a um mundo de idéias e de desafios humanos sem dúvida mais difícil do que os “mundos culturais” que nos antecederam. Ao contrário, os imaginários do sagrado parecem hoje mais resistentes às crises da pós-modernidade do que as ciências e as ideologias. (...) Este fenômeno de retorno ao sagrado, revestido agora de uma extraordinária plasticidade, de um antes impensável poder de criação e de diferenciação, envolve pessoas, grupos sociais e comunidades culturais as mais diversas. Poucas seriam as regras que poderiam ser dirigidas com algum acerto a uma única categoria de atores sociais”*. Brandão, C. R. Inst. de Estudos Avançados USP. 2007, p. 18



Figuras 6 e 7: Aqui, o cristão e o místico compõem o mesmo cenário. Catolicismo, candomblé, simbolismo e conquista comungam o mesmo espaço.

Para Nadir, há despreocupação em pertencer a esta ou aquela religião. Simplesmente mantêm sua religiosidade: *“Religião fixa não tenho. Vou num lugar, vou no outro... Não é a igreja que cura, o pastor que cura, é a fé. Se tu tiver fé e toma um golinho de água tu vai melhorar.”*

As “curas milagrosas” compõem a história de Ledir. Destacou duas das suas experiências. Numa delas os médicos já haviam preparado seus familiares para o seu falecimento. No entanto, houve uma grande mudança do seu quadro clínico a partir da visita de sua “mãe de santo”: *“Quando eu comecei a ficar mal os médicos desenganaram aí a minha irmã (...) conhecia uma mulher onde foi uma vez jogar carta que hoje é minha mãe de santo. Essa minha mãe de santo entrou lá (...) e quando ela saiu de lá eu comecei a melhorar”*. Relata também que seus filhos foram agraciados com a cura por folhas de trigo: *“Meus filhos começaram a nascer com problema, tiveram ataque até os três anos que era tipo uma convulsão, né? Mas eu levei eles numa senhora que tinha uma igreja em Gravataí que benzia a água com a folha do trigo e foi aí que eu curei eles com aquela folha do trigo”*.

Ainda que haja a fé, a incerteza navega como em ondas em algumas falas, talvez pela ausência de visibilidade material, por mais que curas e entidades que se “incorporem” sejam deslumbradas...

“... Eu fico pensando mas o que que eu fiz? Eu não fui ruim pra mãe, eu não fui ruim pro pai, nunca apanhei dos meus pais, a mãe que as vezes me dava com cabo de panela, mas era comum, né? Porque ela não queria que saísse brincar, mas é coisa de criança, né? o que que eu fiz pra tá pagando tanto?...” (Ledir)

“E eu penso que eu não sou uma pessoa ruim, não sou de fazer ruindade. Se eu puder ajudar as pessoas, eu tiro a roupa do corpo, não gosto de ouvir uma pessoa falando mal da outra, não gosto que fiquem criticando outras pessoas, às vezes paro pra pensar que talvez se eu fosse ruim era pra tá pagando por alguma coisa, mas...” (Virgínia)

3.3 As primeiras impressões

Esta especial característica de espiritualidade descrita no item anterior compõe parte deste espaço e também daquilo que pensam e consideram sobre o trabalho no galpão. Nos relatos que seguem, satisfação, descontentamento, frustração, expectativa, conflito, necessidade material e solidariedade representam um pouco da condição e algumas das percepções do grupo em relação a sua condição profissional.

As primeiras entrevistas estão constituídas, principalmente, por conteúdo relacionado a situações emergentes daquele momento. Mas à medida que os contatos aumentavam novas pautas se concebiam e convergiam aos objetivos do trabalho. O acentuar da empatia foi mediador entre a escuta e aquilo que ora caracterizava-se como relatos, ora desabafos.

Marlene, muito simpática e dinâmica, passava a impressão de que a vida, a seus olhos, é perfeita. Esteve com o grupo no início da formação, saiu; voltou e, atualmente, trabalha em outro local. Colocou sobre sua experiência anterior e sua impressão sobre o trabalho no galpão: *“Gosto do serviço, das minhas colega. Já tô acostumada com este tipo de serviço porque eu trabalhei quando tinha as outra associação”*. Porém, mais adiante relatava também dificuldades e descontentamentos com o seu trabalho: *“era um real o quilo do PET (foi até R\$1,20), agora ta R\$0,60! Temo coleta, mas o preço ta lá embaixo. Quinze centavos o quilo do papelão!”*

Tímida e silenciosa, mas muito solícita e prestativa seriam algumas das características de Ângela Maria, mais conhecida como Tia Maria. Com um jeito contido contou que *“tudo tá bom”* e descreveu seus motivos: *“Meu marido tá parado, por exemplo, eu recebo só a metade de uma pensão que o meu primeiro marido me deixou (falecido). Dessa metade aí, e é cento e cinqüenta, dá só pra pagar a água e*

a luz e aqui, graças a Deus, dá pra me defender: comprar comida, material escolar pras crianças. Às vezes querem um tênis, querem roupa. Eu recebo a bolsa família também, mas só com a bolsa família não dá também porque é pouquinho, né?”. Passado algum tempo, sentia-se tão a vontade que esquecia sua timidez durante os relatos e, de forma mais espontânea, descrevia seus contentamentos: *“Gosto de tudo: sair no caminhão, fazer as coleta, as colega também..., Pagamento deu mais. Tô faceira que deu mais. Não vou dizer que eu tô grandona... a pensão agora subiu... mais a bolsa família e mais aqui. Dá pra manter porque eu sou muito controlada. E sozinha porque ele ainda não tá trabalhando”.*

No nosso primeiro contato, seu Adelino frizou que estava com muito serviço... Entendi que não queria que demorássemos. Suas respostas foram bem objetivas entre uma insinuação e outra de que *tinha muita coisa pra fazer*. E quanto ao que gostava ou não no trabalho da Associação e colocava que *“são tudo bons colegas. Não tem diferença um do outro”.*

Tânia que já não está mais no grupo fez um relato interessante, algo que denotava um espírito empreendedor e disposição: *“Eu gosto disso e quero lutar por isso. Tem umas que têm uma visão de assistencialismo; qualquer coisa, pensam em desistir. Não pensam isso aqui como uma empresa que é nossa...”* No entanto, havia quem, como Nadir (que saiu devido a um derrame cerebral) que se entendia apenas como funcionária neste ambiente: *“Gosto de tudo, de buscar serviço nos lugar. E não tem negócio de gostar mais de uma coisa ou de outra. O que mandar fazer eu faço”.*

Virgínia e Edna integraram o grupo pelas dificuldades que vinham sofrendo em encontrar outro emprego: *“Eu tô sempre procurando serviço, mas não é fácil, ainda mais por causa dos estudo, daí eu disse, ah, vou pegar ali mesmo!”. “Eu tô gostando porque a gente precisa, o pouco que ganha já ajuda” – Virgínia. “Aceitei mesmo porque tô precisando. Tava procurando serviço, mas não arrumava” – Edna.*

Simone se mostrava bastante descontente com a sua condição de trabalho. Chorava com freqüência quando se referia ao seu salário e ao do marido,

bem como por entender, de certa forma, injusto o trabalho que está realizando diante do esforço que dedicou aos estudos. Comenta que o retorno financeiro ainda é complicado, na reciclagem:

“Mês passado eu peguei duzentos e seis, tive que pagá o aluguel, aí tive que pagá uma mulher pra cuida da minha filha porque a creche tava fechada, né? É água, é luz.... Ele trabalha na olaria, ganha pouco e é fralda pra Ana, leite, às vezes a gente deixa de comprar cinco quilo de arroz, pra comprar dois pra comprar fruta pra ela (chorou). Então a gente prefere passa trabalho e compra pra ela e a gente ir se virando... Às vezes eu não tenho pão pra comê, elas me dão (as colegas do galpão), café a mesma coisa”.

Entendi que uma das coisas que a fortalecia e fazia suportar a frustração eram a solidariedade e carinho das colegas. Pela entonação no final desta resposta, Simone me remete a um trecho de Melucci (2004).

Toda vez que, numa situação de conflito, encontramos a solidariedade de outros e nos sentimos parte de um grupo, nossa identidade é reforçada e garantida. Não nos sentimos ligados aos outros apenas por ter interesses em comum, mas sim porque essa é a condição para avaliar o sentido daquilo que fazemos. Graças à solidariedade que nos liga aos outros, podemos nos firmar como sujeitos da nossa ação e suportar a ruptura que o conflito insere nas relações sociais. (MELUCCI, 2004, p. 49).

Com relação à solidariedade que notei no grupo, senti que era necessário ouvir também o motorista que as conduz para a coleta de material, que não compõe o grupo diretamente por ser funcionário da prefeitura. A forma como as recicladoras se referem a ele e a importância que dão a sua opinião para decisões chamaram-me a atenção. Disposto, Cleiton concordou em dar-me uma entrevista. Perguntei sobre as razões que o levavam a ajudá-las: *“Como eu trabalhei já em outras empresas, acho que é... um pouco mais esclarecido. Então eu procuro ajudar elas da minha maneira, quando elas tão confusas: eu digo, oh quem sabe vocês pensam sobre isso aqui que eu vou dizer... oh, vocês não podem perder isso aqui, isso aqui é muito bom, não briguem.”* Por conta de sua função, já passou em frente

ou já levou algumas delas em suas casas para resolver questões da Associação, e parece que isto foi significativo para lhe impulsionar a um sentimento de “querer bem” a esse grupo:

“É que eu tenho pena delas, tenho umas colegas aqui que vivem muito mal, a gente sabe que vivem daqui. Eu sei onde elas moram, então eu procuro ajudar pra elas irem crescendo, cada vez mais e melhorando de vida...” Também as aconselha em momentos de tensos conflitos: *“Elas queriam tirar uma pessoa; (...) achavam que tavam sendo lesadas e eu disse: (...) não adianta vocês ficá falando uma pra outra, fala pra ti, fala pra mim, e não chega naquela pessoa certa. Não leva a lugar nenhum; vocês se reúne e diz”.*

Os sentimentos expressados por Cleiton, tanto em sua narrativa quanto em suas ações, permitam a identificação de valores significativos para o cultivo de certa solidariedade neste grupo.

Em nosso mundo de homens, no qual as forças de separação, recolhimento, ruptura, deslocamento, ódio, são cada vez mais poderosas, mais do que sonhar com a harmonia geral ou com o paraíso, devemos reconhecer a necessidade vital, social e ética de amizade, de afeição e de amor pelos seres humanos, os quais, sem isso, viveriam de hostilidade e de agressividade, tornando-se amargos ou perecendo. (MORIN, 2005b, p. 36)

Um relato da interferência de Cleiton, (visto positivamente aos olhos da maioria) num tenso conflito do grupo, é descrito por Tia Maria. Ela conta que na tentativa de apaziguar os ânimos ele as chamou e deu seus conselhos: *“Ele chamou: ‘meninas voltem todas aqui’. Aí ele fez aquela palestra, aquela conversa: ‘olha, o que aconteceu aqui fica aqui. Batendo boca, discutindo e aquela coisa, chegar lá na mesa... E continua assim desse jeito vai tudo água baixo’. Ele gosta muito da gente, né. Ele é nosso porta-voz.”*

3.4 Progressos e Frustrações

“Geralmente, quando chego ao galpão, eles estão em descanso pós-almoço. Neste dia, assim que acabou o intervalo, Geni que estava como presidente, organizou as meninas para as entrevistas sem que eu dissesse nada: ‘Vão vindo de uma por uma’.” (Diário - 13/06/06)

Geni tornou-se presidente da Associação cerca de um ano após as primeiras entrevistas, pois Ledir desistiu do cargo e dos trabalhos no galpão²⁹ e enquanto vice assumiu as respectivas funções. Merece destaque a postura e liderança de Geni, pois mesmo sendo uma mulher simples e de conhecimento escolar escasso, demonstra-se segura e atenta no que se refere à condução dos trabalhos e das atribuições dos demais.

Pensar a gravidade do tempo em que vivemos é pensar também as possibilidades de sua superação. As forças de renovação e regeneração do tecido social se expressam de múltiplas maneiras e em níveis diversos, tanto no plano individual quanto no plano dos movimentos sociais e correntes de pensamento. (UNGER, 2001, p. 57)

Conversando sobre as tarefas de seu atual cargo no grupo ela comenta: *“Os grupo agora até que tão obediente (...) tô guentando a barra, porque não tem presidente, como eu vice-presidente eu tô fazendo a parte da presidente e da vice-presidente. Aqui não tem patrão, mas a gente tem que pegar e orientar o grupo: oh, não pode faltar muito, como no estatuto tá, três dias pode tirar e a gente não quer tirar.”* Contou também sobre as palestras que tem ministrado para professores e das filmagens que fazem do trabalho da associação mas, com

²⁹ Por questões éticas, mesmo que inúmeras detrações tenham sido trazidas pelo grupo sem receio de divulgação, preferi não relatar detalhes sobre a saída de Ledir, a presidente anterior. Mas posso colocar que as relações de trabalho, no que refere-se a necessidade de concessões e acordos coletivos, podem ser aderidos ou não. E no viés deste raciocínio houve o rompimento entre o grupo e esta trabalhadora. Dejours (2004) coloca que *a cooperação supõe, numa certa medida, uma limitação consentida (ou imposta?) à experiência da inteligência e ao desdobramento da vida singular na atividade. Dar sua contribuição e seu consentimento aos acordos normativos num coletivo implica, então, seguidamente, a renúncia a uma parte do potencial subjetivo individual, em favor do viver junto e da cooperação.* Quando não há disposição para esta renúncia, ou desconforto para o “conviver com” parece que o rompimento seja a alternativa.

lamento, colocou que gostaria de ver suas imagens, porém ninguém lhe mostrava ou fazia menção delas após os eventos.

O reconhecimento da liderança de Geni é trazido claramente pelas colegas: “A gente tá mais organizado. A Geni faz a frente diz ‘vão fazer’ e a gente faz...” (Simone - possui Ensino Médio completo). Odete considera falta de respeito não apresentarem justificativa para faltas ao trabalho: “(...) a pessoa faltou e fica por aquilo mesmo. Que nem eu faltei ontem, mas a D. Geni sabia que eu tava toda dura, não podia nem me mexer”. Bourdieu (1998) diz que o poder das palavras de ordem está na crença destas por aqueles que a seguem e quem as pronuncia³⁰ e este “acreditar” é inerente à maneira de administrar de Geni, e mesmo aqueles melhor escolarizados que ela, confiam na sua condução.



Figuras 8 e 9: Caminhão carregado de materiais para a venda.

³⁰ BOURDIEU, P. Bertrand Brasil, 1998, p. 15.

“Olha que coisa mais linda, gurria!” Esta foi a expressão de Geni referindo-se ao caminhão carregado de materiais. Tia Maria complementou: *“Mês passado saiu três caminhão desse! Me apavorei!”* Encantou-me a percepção do extraordinário de Geni com aquilo que acaba passando despercebido à maioria dos olhos... Por trás da imagem do caminhão há vários dias trabalhados, horas na mesa de separação para encaminhar cada pedaço de plástico ou papel ao seu monte respectivo; há a expectativa de cada retorno do caminhão de coleta seletiva; há muito suor transpirado pra descarregar e enfardar... De fato, ele é lindo...

O caminhão estava parado porque os funcionários da empresa que o levaria não trouxeram o dinheiro para o pagamento. Ela mandou que avisassem o dono que, se não houvesse dinheiro, também não teria a carga, e mandaria descer todo o material. O dono da empresa chegou mais tarde, enquanto os funcionários aguardavam no pátio da SMMA.

A organização desta trabalhadora transcende o ambiente profissional. Tem conseguido organizar-se a tal ponto que adquiriu bens, mantém suas necessidades básicas e controla para que haja uma reserva até o término do mês:

Ali é um dinheiro que é muito ou pouco. No final do mês, tu sabe que tem aquele dinheiro. Aí tu pega aquele dinheiro e divide ele um pouco pra pagar as contas, os alimento pra dentro de casa, às vezes ainda dá pra tu conservar uns dez real, quinze real pra passar o resto do mês. Eu tô super contente, tá entrando cada vez mais coleta, do tempo que dava cento e poucos; agora, já dá duzentos e pouco pra cada um. Dá pra pagá as conta, ainda comprar comida (...). Mas daquele tempo que eu tive a entrevista contigo tá assim, muito melhor mesmo, eu tô cada vez mais feliz aqui. É claro que a minha casa ainda continua caindo... Esse mês deu pra comprá uma sacola (cesta básica). A minha gurria, que agora tá aqui, me deu cinqüenta reais. (...) Comprei uma bicicletinha pra gurria que é minha e dela, do bolsa escola.

Para minha surpresa, Ana, filha de Geni, parece ter herdado a mesma capacidade de organização financeira da mãe. Com uma parte do dinheiro da Associação, mais uma televisão, somado a um valor que lhes era devido e seguindo com pequenas prestações mensais comprou um aparelho de som e mais um cavalo, depois que as vendas melhoraram: *“Mês passado nós pegamo R\$270 e esse mês nós peguemo R\$216, e com ela (ex-presidente)³¹ nós pegava R\$100, R\$110, R\$111, R\$89. Tá dando pra pagar a prestação do meu som, paga as prestação da loja, deu pra comprar outro cavalinho. Tenho uma égua e um pitiço”*.

Entre os momentos frustrantes para o grupo está o que foi vivenciado no período da Expointer, feira de Agronegócios que ocorre no Parque de Exposições Assis Brasil em Esteio. Esta área pertence ao Estado e por isso, com antecedência a SMMA tenta garantir um espaço para a Associação. A quantidade de lixo produzida durante a feira é muito grande, portanto houve uma grande expectativa em torno dos possíveis ganhos. Mas a disputa por este material era muito maior do que poderiam imaginar³² e obtiveram ganhos ínfimos que pouco compensou o sacrifício do deslocamento e outros contratempos. Em uma das vezes que conversei com Nadir perguntei sobre seu afastamento por alguns meses, que justificou com certa indignação: *“Eu tinha saído porque tava ganhando muito pouco. Fico um mês todinho na Expointer, pegando chuva pra ganhar cem pila. Voltei porque elas me chamaram (...). Saía todo dia as seis hora pra fazer expointer pra depois ganha uma mixaria. Aí eu saí, não vou mais trabalhar de graça pros outros. Aí saí fora”*.

³¹ No processo de transição de presidência, um pouco antes do dia 4 de julho de 2006, dia desta entrevista, soube que Cleiton, o motorista, é que teve a iniciativa de ser o mediador entre a Associação e a SMMA para esclarecer algumas dificuldades administrativas e desorganização financeira: *“Aí pedi pra falar com a Marta em particular. Aí contei. A revolta que tá acontecendo é essa Dona Marta: o pessoal tá trabalhando aqui, de repente, a senhora não sabe que tá ganhando 90 reais por mês. Elas querem que a senhora some tudo (...)”*. Por conta desta intervenção, Marta começou a acompanhar reuniões e percebeu que não tinham livro caixa, o que poderia ter evitado grande parte dos problemas. E por fim ajudou-as a se organizarem melhor, até mesmo quanto algumas cláusulas do Estatuto que deixaram de cumprir e quanto a atitudes tomadas como decisão sem que houvesse respaldo deste documento.

³² É muito comum observarmos durante a Feira crianças, homens, mulheres, idosos, enfim pessoas de todas as idades aguardando, por exemplo, o momento em que encerraremos nosso refrigerante em lata de alumínio para pedir-nos licença e recolhê-la para sua sacola ou a um saco imenso que, em geral, é segurado firmemente, em função dos furtos entre eles...

Outra dificuldade trata-se de quando precisam faltar. Como os ganhos são divididos de acordo com os dias trabalhados, acabam se deparando constantemente com a angústia de que isso venha a acontecer. Um exemplo claro deste impasse é comumente vivido por Simone, que não tem nenhum familiar que possa ajudá-la e com uma filha de dois anos, Ana: *“Essa semana agora que eu faltei dois dias é 8 reais que vai me descontar. Ela pegou piolho na creche e eu tive que comprar aquele dito pente de aço, ele tira toda a lêndea. Comprei. Tava dezesseis reais”*.

Pude presenciar, com mais detalhes uma das negociações de materiais³³. Neste dia³⁴ a venda rendeu 1.400 reais. Houve certa confusão no pagamento, pois estavam na dúvida se quem deveria ganhar menos ganhou mais e vice-versa. A carga rendeu, em média, somente 119 reais para cada um (em 17 de outubro de 2006). Após o pagamento individual, também iniciaram questionamentos sobre a seriedade dos compradores e quanto ao controle da pesagem³⁵.

Durante o pagamento, os comentários foram, no mínimo, curiosos. João, marido de Ana Cristina, brinca ao chamar Simone: *“Vem, vem, vem pegar tua fortuna!!”* Simone comenta: *“Ou eu pago a água ou como”*! E chamou-me a atenção que ela conseguia sorrir... Havia expressões frustradas; outras indiferentes e Geni, incrivelmente, satisfeita...

Há quem demonstre insatisfação constante, seja financeira, administrava ou pessoal mas, até certo ponto, a falta de alternativa laboral torna a inserção no grupo inevitável. Dejourns (2004) coloca que muitos dos conflitos que

³³ A organização financeira do grupo é a que aparece como a mais indefinida no grupo. Formalmente, Tia Maria é a tesoureira, mas diz não se sentir capaz para executar seu cargo. Por conta disso várias pessoas colaboram nesta função: Ana, Marta (SMMA), Cláudia (DEA), Geni, Cleiton (o motorista) e na partilha que presenciei a contagem e a soma estavam sendo feitas por outras duas catadoras.

³⁴ Na mesma ocasião, fui testemunha de algo que até hoje não consigo definir como eu decidiria a situação se estivesse no lugar de Geni e das demais. Foi o que ocorreu com Rose. Ela estava há poucos dias na Associação mas já havia passado mal algumas vezes, durante o trabalho. Fazia uso de medicamentos controlados, tinha epilepsia, desmaios e tonturas. O grupo achou que seria melhor que ela sáísse para evitar algum acidente, principalmente na esteira, que é bastante alta. Ainda lembro que se despediu com lágrimas nos olhos...

surgem no interior dos coletivos de trabalho estão relacionados pela dificuldade de renúncia de alguns membros diante acordos normativos. Mas para o grupo que permanece, estas situações não estão sendo motivo para maiores problemas.

Admiração, afetos e descontentamentos oscilam no cotidiano do grupo. Outrossim, certas expressões de gratidão e pequenos gestos complacentes harmonizam por vezes a união da ARCA.

Ana conta sobre a entrada a princípio voluntária, de seu marido, mas que instigou a uma atitude de reconhecimento em alguns:

“(...) agora por último, ele que carregou todo o caminhão pra nós sem ele ganha um centavo. (...) Dona Odete não achou justo porque ele não é da associação e trabalhou de graça pra nós. Ela deu 5 reais, a mãe deu 20, a Edna deu 5, Simone deu 5, eu como mulher dei 5.”

* * *

Como traz Melucci (2004), são estas experiências, vivências e gestos que vão fazendo a história desta Associação... Pequenas ações, decisões e enfrentamento de impasses são partes da rede de transformações e construções sociais que também estão protagonizando.

(...) Experiências cotidianas parecem minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam a nossa cultura. Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontece quase tudo o que é importante para a vida social. É onde assume sentido tudo aquilo que fazemos e onde brotam as energias para todos os eventos, até os mais grandiosos. (MELUCCI, 2004, p. 13)

4 ESPAÇOS SENTIDOS E NARRADOS

Os sentimentos relacionados ao trabalho e à vida pessoal eram trazidos em nossos encontros. As mulheres, principalmente, pareciam sair aliviadas quando conversávamos. Por mais que eu tentasse não conduzir os diálogos de forma psicoterapêutica era assim que, por várias vezes, interpretavam nossas conversas. Tentava direcionar de forma que pudessem contar o que vinham aprendendo em sua rotina, como ali chegaram, os progressos e as decepções em relação a essa experiência. De qualquer forma, sempre se sentiram desabafando e, por isso, vinculavam com naturalidade histórias de suas vidas pessoais durante os relatos, fossem dores recentes ou antigas, acabavam sendo expostas com espontaneidade. Da mesma maneira como autorizaram suas narrativas profissionais colocaram-se plenamente dispostas a terem transcritos os fragmentos de suas trajetórias de vidas pessoais já vividas e as que ainda transcorrem.

Achei difícil no início ouvir algumas narrações, pois eu acabava sofrendo junto com elas, enquanto rememoravam suas dores; mas, com o tempo, fui “amadurecendo” minha escuta:

Atualmente, escutá-las já não é dolorido. Por mais tristes que sejam algumas das histórias, agora, provocam o aumento da minha admiração e respeito a estas pessoas e não mais uma absorção de sofrimento. (Diário de Campo – 05/07/2006).

Tais relatos de vidas conjuntam-se neste capítulo no qual procuro relatar brevemente, histórias significativas para a chegada de algumas mulheres até o galpão; demonstrações de grandes amizades entre elas, as relações afetivo-familiares, dificuldades sociais e econômicas, e, por fim, sobre o lugar onde moram.

4.1 As Histórias

Uma das primeiras histórias que ouvi foi a de Virgínia, mineira, 30 anos, mas que não se encontra mais no grupo em função de alguns conflitos. A entrevista com ela acabou se direcionando a uma biografia que justificou sua chegada a Esteio e à Associação. Chocou-me a sua trajetória, mas também causou-me admiração a sua resignação e esperança em preencher lacunas pessoais quase impossíveis.

O relato iniciou quando perguntei quantos filhos ela tinha. Respondeu que eram quatro, porém que uma ela tinha *perdido*. Perguntei se foi quando nasceu e então ela começou a contar sua história... Aos treze anos, grávida e residente da cidade de Ouro Fino, Minas Gerais, foi convidada por uma amiga para ir a São Paulo. Quando chegaram à rodoviária sentiu as contrações e a amiga, assustada, deixou-a sozinha. Foi encaminhada para a Casa das Mães Solteiras de São Paulo onde ficou por dois meses com a menina, em seguida, oficiais de justiça tiraram-na de seus braços, a ponto de lhe injetarem um calmante, pois resistia em entregar o bebê. Depois disso nunca mais viu sua filha. Sabe apenas que foi adotada.

Mandaram-na para a sua família em Minas Gerais, namorou um caminhoneiro e veio com ele o Rio Grande do Sul. Ele a deixou na casa de amigos na cidade de Gravataí e nunca mais se viram. Em seguida, descobriu que estava grávida. O casal que estava lhe acolhendo sugeriu que fosse até a Rádio Farroupilha para tentar encontrar sua filha; carregava um papel com endereço e telefone, caso se perdesse; no entanto, se perdeu, e o papel também. Pegou um ônibus qualquer e acabou chegando a Esteio, onde Conselho Tutelar a recolheu e foi encaminhada para a casa de amigos de uma das conselheiras.

Ainda grávida do caminhoneiro, conheceu e foi morar com um rapaz que não se importou em assumir seu filho. Aos dezessete anos separou-se e ele entrou na Justiça para adquirir a guarda do menino e por questões econômicas, ele ganhou. Acabou reatando por causa do filho e ficaram cerca de mais oito anos juntos. Após a segunda separação, ficou um tempo sozinha: *“consegui uma área verde pra mim, na beira do valão. Daí eu trabalhava pela sacola lá em Sapucaia (...) sacola é capinando a rua, pintando cordão, e eles dão uma sacola básica pra gente... Fazia calçado, faxina”*. Atualmente, está casada com um rapaz que é ferreiro, e pode trabalhar em casa (portanto fica com as crianças enquanto ela trabalha na ARCA). Contou ainda, que seu único sonho era encontrar a filha (que hoje deve ter 17 anos), apenas para ter a certeza de que está bem e lhe dizer que não quis abandoná-la.

A maioria das pessoas conserva algumas lembranças que, quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos. (THOMPSON, 1992, p. 205)

Muitas lágrimas foram derramadas por Virgínia ao contar sua trajetória até a chegada à Associação (que foi bastante resumida nesta descrição). Enquanto pesquisadora, gostaria de apenas ouvir, mas naquele período não foi possível deixar de me comover. Mas o relato desta mulher justifica por si só a minha manifestação explícita de compaixão diante dela.

Consegui perguntar sobre as considerações de seu trabalho na reciclagem e ela colocou: *“Eu tô sempre procurando serviço, mas não é fácil, ainda mais por causa dos estudo, daí eu disse, ah, vou pegar ali mesmo! Eu tô gostando porque a gente precisa, o pouco que ganha já ajuda. Às vezes tem gente ah, tá mexendo com o lixo... Mas é um serviço honesto, né?”* Entendi, a partir desta última frase e por alguns comentários que Virgínia fez ao longo da conversa, que estava tentando quebrar seu próprio preconceito diante do que fazia. Mas como era a primeira vez que trabalhava como catadora, achei natural a sua necessidade de afirmar a si mesma que este também é um trabalho importante (pois a sociedade ainda traz uma imagem negativa do lixo e não é de surpreender que acabe interferindo na imagem que o catador venha a fazer de si próprio).

* * *

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador. (BOSI, E. 1994, p. 91)

O trabalho de catação acompanha Geni desde a infância e orgulha-se disso e do que faz atualmente. Aquilo que expressa ao contar cada detalhe de suas lembranças é que se relaciona com o que Bosi descreve sobre o narrador. Descreve que começou a trabalhar ainda criança: *“(...) botava uma enxada nas costas e perguntava quanto “cobrava” por aquele terreno. Onde ia capinando e ciscando já vinha vidro quebrado, era osso, era ferro, cadeira velha, tudo aquilo ali a gente juntava e valia por sucata”*. Cresceu, casou-se, teve filhos, mas a forma de sobreviver não havia mudado. Havia mais pessoas dependendo do seu trabalho, pois como ela coloca *“se eu tinha uma dor de cabeça e ia pra cama eu pensava ‘eu tenho que me levantá’, porque se eu não trabalhasse a gente morria de fome”*. O marido estava quase sempre doente e as crianças eram pequenas. O alimento do dia dependia da venda da catação do dia anterior. Isso custava-lhe sair cedo da manhã e chegar tarde da noite com o carrinho cheio. Como seu carrinho lhe acompanhou durante quinze anos ainda o guarda sem nenhuma intenção de se desfazer desse instrumento de trabalho que a sustentou durante este tempo.

“Fui criando minhas criança todinha na base de carroça (...) pra pode sustentar meu marido, porque ele sempre foi um homem doente...”

Com satisfação Geni coloca que Ana (sua filha que também faz parte da Associação) aos cinco anos a acompanhava de carroça para fazer a catação. Creio que sua naturalidade em relatar este fato advenha de sua própria experiência de trabalho infantil. Ela foi entregue a uma família aos nove anos de idade para fazer serviços domésticos. Descreve com tristeza os maus tratos que sofria, mas ao

mesmo tempo, não lamenta, já que considera que aprendeu muita coisa, como capinar, faxinar, fazer horta e que por conta disso, hoje, pode fazer qualquer coisa... Humilhações, agressões físicas e psicológicas, ausência de qualquer familiar por perto aos nove anos de idade deixam grandes feridas, porém Geni relata este passado com certa resignação. Ecléa Bosi coloca sobre a influência do presente na percepção de fatos passados (o que provavelmente justifique esta (re)visão de Geni sobre aquilo que viveu):

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, E. 1994, p. 55)

O ciclo de trabalho infantil é entendido como necessário e educativo no seio desta família. Ana Cristina ao explicar porque se afastaria da Associação no período de férias anuncia esta visão: *“A minha guria vai sair da creche (...) e eu não posso deixá duas criança sozinha em casa. (...) Daí eu saio e deixo ele – o marido. Eu continuo na rua com a carroça aí eu levo as gurias, vou ensinar elas que nem meu pai, minha mãe me ensinaram. O mesmo ritmo que eu tive quando eu era criança elas vão ter também. Ah, elas querem dinheiro, vão ajudar a trabalhar pra ganhar. Eu trabalhava pra ganhar o que eu queria...”*

No artigo *“Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano”* Campos e Francischini (2003) trazem uma discussão sobre a ambigüidade desta situação a qual muitas famílias de nosso país enfrentam. Ao mesmo tempo em que se reconhecem os males provocados a um ser humano submetido ao trabalho precocemente, entende-se também que está relacionado à busca de qualquer ser humano: a sobrevivência.

As famílias, submetidas às mais duras condições de vida, ao buscarem em estratégias como o trabalho das crianças a mitigação dos seus males, por um lado aprofundam a miséria em que vivem e, por outro, garantem a base para a reprodução do mesmo quadro. Não obstante a ampla divulgação, desde pelos menos um século atrás, dos prejuízos advindos do exercício do trabalho precoce em atividades produtivas, seu combate encontra barreiras de porte, seja nas próprias vítimas da situação seja nas suas famílias, em face da força dessa ideologia, que se alimenta da luta pela sobrevivência. (CAMPOS; FRANCISCHINI, 2003)

Quando se casou Geni achou que novos sentimentos começariam a fazer parte de sua vida e que estes, por fim, fossem bons... Mas sofreu agressões, senão iguais, piores nessa união: *“Eu casei, comecei a apanhar do marido. Ele bebia de segunda a domingo, as criança tudo viam. De tu apanhá sem saber nada, de tu chegá cansada ele me dá cada murro, caía e ficá com os olho tudo roxo! Dormi debaixo da casa na época das enchente, levantava no outro dia, com a cara cheia de barro, congelada, tremendo de frio pra poder entrar pra dentro de casa e agüentei trinta e seis anos casada! Desde que o meu marido morreu não penso mais em arrumar home”*. De fato, em nenhuma das vezes que conversamos, Geni anuncia a possibilidade de encontrar outro companheiro, o que sempre percebi foi que seu trabalho e suas netas são as coisas mais importantes na sua vida.

Há dezoito anos atrás adotou uma menina, Edna, que também trabalhou na Associação por algum tempo, saiu e retornou. Teve dificuldades para criá-la, pois tinha problemas de saúde ainda bebê, e quando crescida, mas ainda muito jovem, foi morar com um rapaz e iniciou o uso de drogas. Referindo-se a Edna: *“Essa que tá mora comigo, ela andou dando uma virada, o marido foi preso, e aí eu tive que dá apoio de novo porque ela tem a cabeça muito virada. Ela era viciada nas droga, ela usava maconha, usava pedra (...) jura que não tá mais na pedra mas eu não confio. Quando ela começa a raspá a panela eu sei que ela já fumô... (...) A coisa mais triste do mundo é te uma filha viciada.”* Mas é admirável a forma como Geni se preocupa com a filha e releva alguns deslizes desde que eles não se excedam. Presenciei muitas vezes sua postura firme e maternal em relação à Edna.

O lazer de Geni se restringe a brincar com os netos; ela se define como muito brincalhona e que por isso se identifica com as crianças. Seu maior prazer na vida é o que faz na Associação. Orgulha-se por ser bastante econômica: *“Eu sei que se eu botar fora eu vou ter que lutar pra conseguir aqueles quinze real que eu botei fora com bobagem. Não vou esbanjar com batom, esmalte, no instituto arrumá os cabelo, isso pra mim é besteira³⁶, pra mim o que importa mais é a barriga!”* As turbulências que Geni viveu parecem ter lhe deixado a sobrevivência como a principal razão de ser. Mas ao mesmo tempo, hoje ela consegue lidar com dificuldades quotidianas de forma intrépida, diferente da maioria dos que a cercam. Viveu tantos sofrimentos que certas dificuldades da Associação são levadas com jogo de cintura e muitas vezes bom humor.

Esta frase, que é a minha preferida entre todas as outras, talvez retrate a percepção de sua vida atualmente e resuma minha tentativa de tentar descrevê-la: ***“E quem diria que eu ia ser catadora!”³⁷***

* * *

Ana tem 30 anos, quatro filhas e é uma mulher com o temperamento bastante forte e de fala imperativa. Ela diz que as coisas que mais gosta de fazer na vida são, simplesmente, *“dormir numa boa cama, um bom descanso, com uma bela tela e escutar rádio”*. Quando Geni não está toma a frente das decisões e conduz com firmeza os trabalhos no galpão. Foi uma das pessoas com quem mais conversei e embora sua timidez tenha sido grande no início, logo em seguida sentia-se plenamente à vontade com a minha presença. Inclusive, gostava de tirar fotos.

Denota certo romantismo ao contar sua trajetória como carrinheira. Relatou com orgulho o companheirismo entre ela e o marido nesses momentos

³⁶ Na foto de Geni, ela está com bijuterias e maquiagem, mas tudo aquilo que usa é aproveitado do que encontra na separação dos materiais.

³⁷ No sentido de estar registrada; compondo uma associação.

árduos: *“Eu ajudava ele a empurra nas lombas acima. Eu com um baita barrigão da Emely, eu ia com ele, de manhã cedo, largava as gurias na creche e nós ia..”*.

Ela passou por dois casamentos breves que fracassaram e com João, atual companheiro, está há alguns anos, dão-se bem. Ele trata as filhas que não são dele com o mesmo carinho que dá as suas. Por curiosidade, perguntei como se conheceram: *“Quando ele me conheceu eu trabalhava na rua de carrinho de mão e ele no depósito de ferro velho do irmão dele. Entrava na rua e ficava cuidando dele e ele ficava me cuidando (...)”*. Meu estranhamento e encanto foram inevitáveis, mas foi o suficiente para repensar alguns conceitos. Todos notam o carinho que ambos têm um pelo outro, mas Ana insiste em dizer que não é amor: *“O pessoal que diz que eu gosto muito dele, mas não, a gente tem uma amizade, carinho, companhia, mas amor, amor não. Nós se demo bem eu e ele”*.

O machismo é comum entre os maridos e companheiros destas trabalhadoras. No caso de Ana o que é descrito em seguida exemplifica:

“Por ele eu não tava trabalhando, mas eu disse pra ele: ‘eu quero trabalhar pra te ajudar’. Ele disse que mulher que trabalha fora arruma outro macho. Eu trabalho aqui porque minha mãe trabalha aqui”.

Ele se uniu à Associação porque surgiu uma vaga e segundo Ana, nas ruas João já não conseguia dinheiro suficiente para dar conta das necessidades da casa pois, justamente pelo avanço no processo de coleta seletiva o material reciclável diminuiu significativamente:

“(...) Ele tá muito faceiro com o serviço, creio que os colega sejam faceiro com ele, porque o Cleiton tá faceiro com ele. O motorista tá gabando ele assim...³⁸, que nunca viu um homem tão trabalhador. Ele tem 44 anos e eu tenho 30; então ele trabalhando aqui dentro já é uma

³⁸ Firma-se novamente a importância dada à opinião do motorista Cleiton.

grande coisa porque aqui dentro ele não ta passando tanto trabalho quanto lá fora”.

Chamou-me a atenção que mesmo a fusão entre amizade, companheirismo, carinho, intimidade, fazer concessões, orgulho e se importar com o bem estar do outro não seja suficiente para que ela denomine o que sente como *amor*.



Figura 10: Geni no prédio que lhes serve para realizar as refeições e descanso. Brincos, gargantilha, anéis, pulseiras e unhas pintadas compõem sua rotina que, segundo ela, não difere de qualquer outro trabalho (portanto, por que não estar arrumada para executar suas tarefas!?).

Figura 11: Tia Maria. Mesmo tímida fez questão de fazer pose para a foto.



Figura 12: Ana Cristina. Para tirar esta fotografia fez questão de mostrar um objeto reciclável para, segundo ela, completar melhor a imagem.

*Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Esta música me remete a elas: Geni, Simone, Ana, Marlene, Odete... e em especial à Tia Maria. A meiga mulher, discreta e delicada nos gestos, na fala e no sorriso freqüente. Relata sua luta quando carrinheira e sua satisfação pelo momento presente. Foi convidada por Geni para trabalhar no galpão. Se conheciam das ruas onde eram, de certa forma, “colegas” pelo mesmo tipo de trabalho: a catação com carrinho.

“Eu tinha um carrinho de mão, não tinha vergonha eu me virava também. Eu saía de carrinho de mão, eu e as minhas menina. Saía a cata, catava de tudo, era papelão, era PET, tudo que vinha pela frente eu catava.”

Além de lidar com a atividade árdua que é a de catação, Tia Maria ainda precisava levar as filhas pequenas consigo pois não tinha com quem deixá-las. Novamente, trago uma reflexão sobre o caráter ambíguo desta problemática social com o que Neves (1995: 183) traz no artigo (...) O ser criança e adolescente em um centro de Comunidade: *“Para a criança da classe trabalhadora, ao contrário das crenças com base na psicologia, próprias das classes médias, o papel de pai ou de mãe responsável não é o de manter uma relação emocional apropriada com seu filho, mas sim o de assegurar que certas necessidades “objetivas” sejam atendidas”.*

Para conseguir alimento extra oferecia-se para fazer algum tipo de serviço, geralmente limpeza, em mercados ou nos chamados “sacolão” onde vendem frutas e verduras. Assim como Geni³⁹, teve de aprender a lidar com a fome e a sede durante os tempos de catação e nem sempre era possível contar com gestos de solidariedade como o alcance de um copo d’água num dia de verão.

“Eu ia também no sacolão, ajudava um senhor no sacolão, assim, dava fruta, essas coisa assim pra gente come, verdura... (...) Às vezes eu chegava guria assim, suando a camiseta, com sede, fome tudo. Uma vez eu fui num bar e ele disse ‘aqui não tem água’, se quiser água tem que comprar água.⁴⁰ (...) Olha guria, já sofri muita nesta minha vida. Com a minha guria que tem vinte e seis, passamo até fome. Eu fazia prá comê polenta tipo um mingauzinho, um pouquinho de sal, dava pra ela pra ir pro colégio”.

Seu primeiro marido morreu atropelado por um trem quando moravam na cidade de Cachoeira do Sul e, por conseguinte recebe a pensão *post mortem* que auxilia nas despesas da casa. Seu atual companheiro está desempregado. Costumava ajudá-la esporadicamente, mas com certa resistência: *“Ele também saia comigo, eu puxava ele também”*. Tem problemas ligados a bebida alcoólica e não assume o compromisso de trabalhar todos os dias quando consegue um emprego. No entanto, ele é quem faz boa parte das atividades domésticas: *“Atende as guria, que eu tenho uma de quatorze outra de quinze; as vezes tem roupa suja, ele já lava a roupa, faz a comida pra elas. Até pão ele faz! O problema é que ele não sai...”* (pra trabalhar, procurar emprego). Solidariedade e piedade são sentimentos que ela diz

³⁹ Com frequência, Tia Maria também citava exemplos das suas dificuldades, que segundo ela, foram testemunhadas por Geni que também vivia momentos muito difíceis. Ecléa Bosi (1994: 413) coloca sobre as relações do passado de acordo com o que está sendo vivenciado: *“(...) Pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual”*.

⁴⁰ Novamente me remeto à sensibilidade de Morin onde ele lembra como tantos conseguem ficar indiferentes (e eu diria também: incomodados, invadidos) fisicamente diante daqueles que representam a miséria material: *“Enquanto na vida cotidiana ficamos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos compaixão e comiseração na leitura de um romance ou na projeção de um filme.”* MORIN. Cortez. 2000, p. 101.

justificarem sua permanência com o companheiro: *Se eu deixá dele ele vai ficar rolando, vai virar um mendigo, na sarjeta... só eu pra agüentar*”.

Tia Maria se destaca por sua serenidade, otimismo e por sempre estar disposta a manifestar seu contentamento para quaisquer melhorias tanto da sua situação doméstica quanto profissional.

4.2 Diferentes Vínculos...

Marlene, a recicladora que anteriormente descrevi como alguém que parece enxergar a vida com perfeição, também demonstrou suas tristezas num dos encontros. Magoada e decepcionada com o filho, frustrada e ressentida com o marido, através de seus relatos e suas lágrimas fez-se notar como uma mulher que também sofre assim como as demais. *“O meu guri é rebelde, (...) não para em emprego, fala palavrão, não faz nada pela vida. Não quer, nem termina o primeiro grau”*. (Contou ainda que preferia ter quaisquer outros problemas com o filho do que ser desrespeitada como ele a desrespeita). Ressaltou que o valor das boas relações familiares supera qualquer bem material que já tenha conquistado: *“O que eu tenho dentro de casa, cozinha nova, quarto novo, sala nova, som da melhor qualidade, dvd, mas eu não tenho prazer...”*

Como praticamente todas as mulheres deste grupo, Marlene orgulha-se de não necessitar do auxílio financeiro do marido para suas necessidades pessoais: *“Uma coisa que eu não gosto é depende de marido. Ele sustenta a casa e eu compro os meus remédio”* (Marlene). Moram juntos e ele é aposentado, ao contrário da maioria dos parceiros das colegas de trabalho onde o mais comum é o caso de desemprego. Quase todas provêm suas casas e seu sustento.

Há não muitos anos atrás, a virgindade antes do casamento era valorizada por ambos os sexos. Na próxima fala de Marlene percebe-se que este tema, que compõe dogmas religiosos e convenções culturais, acaba por agravar ainda mais certos sofrimentos: ⁴¹ “Com 17 anos eu casei. O único homem que eu conheci e casei virgem! E é isso que eu me irrito com ele porque não deu valor, porque hoje em dia é difícil, né?” Embora se identifique com as colegas quanto aos dissabores da vida, Marlene diferencia-se pela disposição em se divertir. Neste relato entusiástico conta como interage às suas chances de descontração e entretenimento:



Figuras 13 e 14: A alegre Marlene

“Quer ver coisa que eu mais adoro: ir pra baile, dançar... Tinha quer ver sábado passado (num aniversário). Botei uma sainha de chamuá, uma meia calça, uma bota bem bonita, sombra, lápis, base, lavei o cabelo

⁴¹ Chassot, Attico (2007: 88) em sua última edição de “A Ciência é masculina? É sim, senhora!” traz a análise de nossas origens gregas, judaicas e cristãs (partindo de quase cinco mil anos passados até os dias atuais) que explica a postura machista tanto no mundo ocidental quanto oriental. Evoca para a continuidade das transformações deste âmbito, porém nos traz à reflexão sobre a lentidão neste processo de equidade em todos os espaços sociais: “(...) não se descontroem, no espaço de duas ou três gerações, preconceitos milenares. (...) A espécie humana evoluiu pelo menos durante um milhão de anos. Fizemos aqui uma mirada histórica em menos de cinco mil anos; isso é menos de 0,5% de nossa história. Nesse muito pequeno período, já mudamos muito. Mas há ainda muito a mudar.”

com um xampu bem cheiroso, soltei o cabelão, me enchi de 'jóia'! Porque eu tenho uma paixão por perfume e 'jóia'. (...) Aí as minhas amiga disseram: chegou uma mocinha! (...) Queria que tu visse nós dançando Atoladinha! (...) Ele perguntou (o marido), (...) tudo isso pra ir numa festa três casa depois da nossa? Não interessa, eles vão filmar!"
"Adoro ir a circo. Gosto de ver televisão, comédia, terror..."

O que também a distingue é sua moradia. Reside numa casa que está sobre um terreno de doze metros de largura por cinqüenta e cinco de comprimento. Ela conta que algumas colegas o chamam de chácara e que tenta corrigi-las. Mas para pessoas que moram em terrenos onde o espaço é quase todo ocupado por uma casa pequena, um local como este talvez não pudesse ser interpretado de outra maneira aos seus olhos. Marlene é natural de Cachoeira do Sul, lá plantavam e por isso manteve por algum tempo tal hábito no espaço que dispõe cultivando aipim e batata-doce. Hoje opta por arvoredos e explica como quem parece saber "se comunicar" com a terra o porquê da troca: *"A terra ficou velha, né? Ele é caído da frente pros fundo; quando chove vai lavando muito, sabe? Aí a gente achou melhor plantar bastante árvore e na volta dos arvoredo a gente calça com tijolo que aí a chuva não leva as vitamina. Eu tenho pé de abacateiro, goiabeira, laranjeira, bergamoteira, amexeira, temo um monte de coisa! Dá cada goiaba que é coisa mais linda!*

Entusiasma-se também ao contar sobre suas bonecas. Muitas delas foram reaproveitadas dos resíduos do galpão. Lavava, fazia as roupas e as enfeitava antes de colocá-las no quartinho de bonecas:

"Eu tenho um quarto de boneca. Porque as minhas boneca era tudo de pano. As roupinha sabe esses pano de guarda-chuva? A mãe desmanchava a sombrinha e fazia as roupa das minhas boneca. Ela botava um pau aqui, fazia uma cabeça, bordava os olhos, era as minhas filha. Hoje em dia eu tenho um quarto só pras minhas boneca, tem tudo!"

* * *

*A amizade é um sentimento mais nobre do que o amor. (...)
E eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem
morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se
morressem todos os meus amigos! (...)
Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado.
Se todos eles morrerem, eu desabo! (...)*

Vinícius de Moraes

Marlene foi quem convidou a amiga, Nadir, para trabalhar na associação. Nadir adoeceu e está afastada atualmente. Na primeira vez que conversamos seus retornos eram quase monossílabos, porém na segunda vez falou um pouco mais. Contou que começou a trabalhar apenas quando seus filhos cresceram, pois o marido não a deixava trabalhar: *“Fui trabalhar depois com os filho criado já. O meu marido não deixou trabalhar porque era muito pequena as crianças, aí ia ter que pagar alguém pra cuidar e não ia cuida direito... Aí quando eles ficaram grande e podiam fazer uma coisa pra eles come daí eu fui trabalhar”*. Pelo que constatei, ela foi uma exceção no grupo por ter tal alternativa...

Marlene e Nadir têm um vínculo estreito de amizade. São diferentes, mas completam-se, pelo que relatam, pela solidariedade entre si. O fato de estarem trabalhando juntas parece ser um aspecto motivador para a sua rotina no galpão. As entrevistei em ocasiões distintas e contaram-me este fato que demonstra o estreito vínculo afetivo que cultivam há muitos anos:

“Eu adoro a Nadir. Eu não troco a Nadir nem por ouro. O que ela fez por mim nem uma irmã fez. Ela chorava comigo nas crises de depressão... arriscou o emprego dela pra me cuidar...” – Marlene.

“A Marlene teve depressão. Eu ajeitava ela, conversava com ela. Eu largava tudo e ia atrás dela. (...) Os outros amigos dela nem dava bola. Muitas vezes ela queria se matar, mas eu não deixava” – Nadir.

4.3 Mães

Odete também tem vínculo com Geni: é sogra de seu filho. Conversamos muito pouco, mas o suficiente para que partilhasse, ainda que brevemente, sua vivência profissional e pessoal. Trabalhou, antes de entrar no galpão, como cozinheira, empregada doméstica e diarista. Atualmente para complementar sua renda faz apliques de *canecalon*. Foi casada duas vezes, mas no momento está sozinha. Um dos filhos que precisa sustentar tem sete anos de idade e apresenta uma deficiência física nas pernas e que, segundo os médicos, poderia ser significativamente amenizada com o uso de um aparelho que ela e o ex-marido não tinham condições de comprar.

“E eu tenho um gurizinho de sete anos que é deficiente. Tem problema nas perna. (...) Ele tá crescendo e tá ficando cada vez pior as perninha dele. O médico só disse que ele tinha que usar um aparelho, (...) tinha que encomendar lá de São Paulo e como não tinha condições fui deixando, deixando, e eu não trabalhava na época, e ele (marido) também não”.

Além dele, tem dois meninos gêmeos com dez anos, uma moça com vinte e um anos de idade que tem um filho ainda bebê e toma conta dos menores já que está desempregada. A filha de vinte dois anos mora com o filho de Geni (ele também está trabalhando no galpão). E a que se encontra em melhores condições é a mais velha, casada com uma pessoa que ganha uma boa aposentadoria por invalidez, também tem filhos, trabalha eventualmente vendendo roupas, cuida de uma criança remuneradamente e, para o lamento de Odete, ganha o “Bolsa Família”.

“A minha filha mais velha é dona de casa, mas o marido dela ganha muito bem. (...) ela vende roupa e eu até ajudava ela a vender; e ela cuida de uma guriazinha e ela recebe o Bolsa Família também. E eu não recebo! Me escrevi três vezes e não consegui”. Pergunto como a filha conseguiu este benefício: “Ela conseguiu porque ela não é casada, é juntada com ele. Aí ela conseguiu...”

Odete é um exemplo de quem é vítima de um sistema de saúde que não dispõe de condições suficientes para atender a demanda de brasileiros sem condições de manter um bom convênio, tão pouco pagar por serviços médicos e equipamentos ortopédicos⁴², ter diante de seus olhos a falha da dinâmica de seleção para benefícios a pessoas carentes e, além disso, da morosidade do Sistema Judiciário. Esta última inassistência dá-se há sete anos desde que seu filho foi assassino quando ia para o trabalho em sua bicicleta, e que até hoje não há nenhum levantamento de suspeitos ou considerações consistentes sobre as causas do ocorrido.

* * *

Simone, a moça que antes descrevi como uma pessoa cheia de esperanças de se colocar em um emprego “adequado” a sua escolaridade, sofre com as agressões do marido por conta de sua dependência química. Sob ameaças, mantém-se em casa com a filha de dois anos para evitar que seus familiares, inclusive seus pais que moram na cidade de Júlio de Castilhos, sofram algum dano físico. Tentei me informar judicialmente sobre este tipo de situação e, segundo a lei (na época que averigüei), seria possível fazer com que ele saísse de casa não podendo se aproximar a menos de cem metros dela e da filha. Mas na percepção dela (inclusive na minha), como garantir esta distância? Há pouco tempo tomei

⁴⁴ Eu mesma senti pessoalmente esta dificuldade. Para realizar minha cirurgia ortopédica recorri a todos os lugares possíveis para fazer tanto os exames mais caros quanto a cirurgia pelo SUS, e foi em vão. Não disponho de convênio e por isso contei com o auxílio de familiares para pagar atendimento particular no que foi necessário. A angústia da inassistência, da indiferença dos médicos nos órgãos públicos bem como perceber que não há a quem ou o quê recorrer desgasta emocionalmente qualquer ser humano.

conhecimento da Lei Maria da Penha⁴⁵ (LEI nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) que garante prisão em flagrante caso ela o denuncie. Ainda não tive a chance de saber se Simone também é conhecedora desta mudança no Código Penal que, talvez, possa vir a atenuar seu sofrimento predominantemente psicológico.

Ana, a filhinha de dois anos, é a motivação de sua vida. Importa-se com as cenas que ela vem assistindo pois entende que não está tendo nada perto do exemplo de pai que deveria ter. Deixa-a na creche para poder ir trabalhar no galpão. Em função da distância entre a sua casa e a creche, conduz Ana num carrinho que reaproveitou (coloca que reciclou) do material que vai para o galpão, mas passa certa dificuldade nos dias de chuva.

“Como eu levei ela hoje, ela ficou toda úmida, porque aquele carrinho que eu reciclei aqui ele é meio torto que não tem como eu arrumar porque ele não segura... (...)”, enfatiza Simone.



⁴⁵ Esta nova lei altera o Código Penal e permite que os agressores sejam presos em flagrante ou tenham a prisão preventiva decretada. Também acaba com penas como aquelas em que o réu é condenado a pagar cestas básicas ou multas. Permite que o juiz determine o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação. A violência psicológica passa a ser caracterizada também como violência doméstica. (Fonte: www.planalto.gov.br/civil).

Figura 15: Simone à esquerda da foto e Edna à direita. Assim que Edna, filha de Geni compôs o grupo, ela e Simone se aproximaram e criaram um forte vínculo de amizade. Ambas são atualmente as mais jovens do grupo e têm histórias conjugais, de certa forma, semelhantes. No entanto, Edna reage muito diferente da amiga aos conflitos conjugais que possivelmente se justifique por não ter filhos. Um pouco da trajetória de Edna é descrita a seguir.

4.4 Coragem

Édna tem apenas dezoito anos e morou por quatro com um rapaz que se encontra preso. No primeiro contato olhava-me de um jeito intrigado retornando minhas perguntas reticentemente e hesitando completá-las em alguns momentos. No segundo encontro, talvez mais à vontade, queria ser a primeira e, contou-me aquilo que possivelmente me causou mais estranhamento entre todas as escutas. Geni conseguiu que ela trabalhasse na Associação; já tinha trabalhado antes em uma reciclagem, mas a distância e “fofocas” fizeram com que desistisse.

“Eu trabalhava, só que não parava em reciclagem nenhuma porque sempre tinha uma fofquinha contra mim e aqui já não. Aqui não tem fofoca, não tem nada. Trabalhava lá no morro, pra lá das Antena. (...) Eu fiquei um mês. E depois era muito longe, ia de bicicleta, pior era subi lomba, era tri ruim. Aí a mãe conseguiu aqui pra mim”.

Seus sonhos devem estar ligados diretamente àquilo que viveu há muito pouco tempo: *“Eu sonho com uma vida mais melhor. Ter tudo dentro de casa, sem faltar nada. E alguém que não minta pra gente...”* Esta frase se seguiu com um silêncio que eu tentava desvendar, porém durante uma conversa informal Geni indiretamente me fez entendê-lo quando descreveu as condições de vida da filha na

época em que morava com o marido⁴⁴ assim como o que Édna mesma narrou a partir do segundo encontro.

Ao perguntar sobre seu estado civil é que começou a contar sobre o marido. Trouxe que não lamenta sua prisão, já que assim tem mais liberdade para sair de casa. Ele era foragido, mas o capturaram num dia, casualmente, (pelo que crêem) quando cortava pasto num terreno.

“Pegaram ele cortando pasto porque ele já era foragido porque deu um tiro no pé de um véio que mora lá perto de casa, aí puxaram a ficha dele e ele foi preso. Tinha um monte de crime nas costa. Tinha matado vários já”.

Na última frase comecei a me surpreender, mas a que mais me tocou ainda estava por vir... Perguntei se ela não tinha medo de conviver com um homem que cometeu tais crimes e ela respondeu com orgulho e demonstrando uma coragem que parecia a de quem não tem nada a perder:

“Uma vez ele botou o ‘cano’ em mim e disse que ia me matar e eu disse ‘mata дума vez então! Demorô!’ Mas ele não tem coragem de me pegá, nem eu tenho medo dele”.

Contou que o ocorrido deu-seu após sua conversa premonitória com o companheiro, na qual disse que ele não voltaria... Relata que Geni tem esperanças que ele se regenere moralmente na prisão, mas Edna (de certa forma, com razão) desacredita esta possibilidade, pois não crê na estrutura do sistema carcerário.

“A mãe tá com esperança que ele saia mudado de lá. Eu disse pra ela: perde as esperança, cadeia não é assim como a senhora tá pensando, um mar de rosas...”⁴⁵

⁴⁴ Segundo Thompson (1992: 205) *“A lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios.”*

⁴⁵ Foucault (1979) traz que a deformação dos objetivos de “realinhamento social” no sistema carcerário ocorre desde que este foi instituído. *“(…) Desde o começo a prisão devia ser um*

Contou que não chorou pelo ex-companheiro e que investia em novos rumos e esperanças com outro rapaz (que saiu há poucos dias da cadeia). *“Eu não vo fica aí dia e noite chorando por causa dele. Eu não vou chorar. Mas esse aí não é vagabundo agora ele tá comportado até. Vão vê se com esse eu não vo pra frente!”* Novamente Édna discorre sobre o “inexplicável” (assim como a premonição), mas desta vez, para uma situação romântica. Não pretendia sair de casa no dia que encontrou o atual rapaz, mas acabou indo por insistência de amigas. Eles já se conheciam, porém há muito tempo não se vinham e, no reencontro, durante a festa, se reconheceram, ficaram juntos e ele também lhe contou de sua indisposição de sair naquela noite, porém a esperança de vê-la o fez se deslocar até a danceteria.

Relata também que esse rapaz conhece seu ex-companheiro, pois estavam presos em celas próximas. Contou sobre a possibilidade de conflitos sérios entre os dois dando sua opinião sobre o que poderia acontecer. Não descrevo tais colocações por entendê-las como possíveis comprometedoras. Com um propósito reflexivo sem desconsiderar as inúmeras facetas sociais imbricadas nesta questão, remeto-me ao que Morin (2005a) discorre no Método II, em considerações Antropobioéticas:

A inumanidade não é não respeitar o conceito de homem, é não ter piedade pela vida do homem. “Não matarás” está morrendo. Perdeu o caráter imperativo, perdendo o caráter sagrado (religião) e o seu fundamento mitológico (humanismo). Já não é nas fronteiras, à margem, mas no seio da nossa civilização que uma vida perde cada vez mais o seu sentido, o seu valor, e que matar ao acaso se torna um meio para autenticar o seu direito. (MORIN, E. 2005a, p. 475)

Édna conta com uma coragem que surpreende e também assusta, mas ao mesmo tempo, é uma moça admirável, por ainda cultivar sonhos e romantismo diante de duras vivências...

instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. (...) Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade”. p 131

4.5 Às Voltas do Galpão

Para compor o grupo uma foi trazendo a outra. Esta formação contou com a solidariedade entre colegas de carreta (parceiras de dias árduos), vínculos familiares e vizinhança. Estas pessoas moram em ocupações irregulares (Vila Barreira), locais em que o poder público, para regularizar a condição de moradia, investiu em loteamentos populares (Loteamento Hípica) e poucos residem em terrenos do Bairro Votorantin.

“Depois começou aquela função da barreira ali. Aqueles negócio de tira casinha daqui, tira dali, pau por pau eu perdi tudo, perdi tudo que tinha dentro de casa, quebrou móveis, quebrou tudo, de tirar de um terreno pro outro”.

Os ajustes de instalação dos moradores da Vila Barreira ocorreram quando houve a necessidade de migrar para lá aqueles que ocupavam o local onde foi construído o Residencial Hípica. Geni relata algumas *“regras de convivência”* do local onde mora:

“Criança de dez ano fumando na vila... (...) Dentro da vila eles não deixam robá de pobre então eles rouba mais é pra fora assim... Deus o livre robá um tênis uma camiseta no arame... porque tu é legal com eles, aí se tu saí fora com eles, eles coloca até fogo na tua casa. Mas se tu for boa com eles, não se invocar com eles...”

Tia Maria traz um relato interessante sobre as antigas características do local onde mora. Embora o nome do loteamento sugira, segundo ela, muitas pessoas no município não sabem que ali havia grandes apostas nas corridas de cavalos. Ela foi uma das pessoas remanejadas para a Vila Barreira até que terminassem as obras do residencial:

“Quando nós moremo ali era tempo de uma cancha de carreira, aí foi feito loteamento, foi invadido. Era coisa mais boa final de semana, os cavalo tudo correndo. Tinha só os grandão de carro pra fazer aposta. Quando os cavalo saíam correndo o pessoal faziam aquela festa. Aí acho que fiquei uns três anos ali e como eles queriam construir ali, aí colocaram nós na Barreira. (...) Depois eles davam uma de material pra nós e nós dava a de madeira, eles levavam as madeira pra dar pra outras pessoa, pra fazer suas casinha. Na barreira eu fiquei uns quatro anos...”

O Bairro Votorantin é um espaço visto por aqueles que moram na Vila Barreira ou na Hípica como local de pessoas com melhor poder aquisitivo, pois seus terrenos são grandes e legalizados. Marlene, Nadir, Seu Teleco e Ledir moram neste bairro. Marlene foi uma das primeiras moradoras:

“Quando eu vim pra cá só tinha cinco morador. O Getúlio é que botou luz, asfalto pra nós. Eu morei muitos anos sem água, sem luz, nada. Como ele saiu da firma e ganhou indenização nós compremo esse terreno”.



Figura 16: Imagem com a localização da SMMA, Bairro Votorantim, Loteamento Hípica (o nome oficial é Residencial Neuza Goulart Brizola), CAIC (Escola Estadual Professora Maria Sirley Vargas Ferraz; no mesmo complexo há uma creche e um posto de saúde) e a Vila Barreira. Fonte da imagem: Google Earth.

Segundo dados de Esteio, o Loteamento Hípica e a Vila Barreira estão entre as regiões mais carentes do município. Como é visível no mapa, os catadores que moram nestes locais são os que estão mais distantes da SMMA. A média de caminhada até o trabalho é de 2Km por dia. No caso de Simone, por exemplo, é necessário se deslocar do Loteamento Hípica até o CAIC para deixar Ana, sua filha (a partir de um cálculo do programa Google Earth, constatei que este trajeto equivale aproximadamente 770m), depois segue até à SMMA.

5 SABERES QUE SE CONSTROEM

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO. 1995, pág. 8)

Fischer (1993: 24) traz em seu artigo “Economia informal e formação humana: o processo educativo de mulheres recicladoras de lixo” que embora as pessoas inseridas nesta forma de trabalho provenham de realidades sociais com grandes dificuldades, seja por suas origens, seja por locais onde moram ou inexperiência no setor de lixo seletivo, não ficam aquém do processo de aprendizagem e conhecimento dentro dos galpões: “(...) é no espaço físico desses galpões que as mulheres apreendem uma nova forma de trabalhar, procurando incorporar novos conhecimentos que a prática da reciclagem do lixo exige”.

Para Brandão (1995) só formalistas pedagógicos enxergam *educação* apenas dentro dos sistemas restritos da *pedagogia* e se entendem como os únicos capazes de discutir questões de método, currículo e assim por diante. Segundo ele, instrumentos úteis, mas que aprisionam se não houver criticismo e a busca de sentidos.

Só o educador “deseducado” do saber que existe no homem e na vida poderia ver *educação* no *ensino escolar*, quando ela existe solta entre os homens e na vida. Quando, mesmo ao redor da escola e da universidade, ela está no *sistema* e na oposição a ele; na sala de aula em ordem, e no dia de greve estudantil; no trabalho rigoroso e persistente do professor e pesquisador e, ao mesmo tempo, no trabalho político do professor-militante”. (BRANDÃO, 1995, pág. 109)

Nesse grupo foi possível perceber a construção de processos de aprendizagem a partir das necessidades de qualificação das suas atividades. Por exemplo, o significativo conhecimento de Geni por conta de seu trabalho como carrinheira, permitiu-lhe fazer interações entre os saberes de antes e aqueles adquiridos nesta estada na ARCA. A maioria do grupo relatou que não tem nenhum interesse em retomar os estudos, no entanto, observa-se que está imersa em um processo de aprendizagem cotidiano.

Há também relações dos saberes pré-existentes com o atual espaço de trabalho. Geni, por exemplo, percebeu que seu lucro das atividades nas ruas foi inúmeras vezes comprometido por desconhecer critérios de separação, e que hoje isto não ocorre mais em função do conhecimento que adquiriu para otimizar as vendas de materiais do galpão.

“Naquela época eu não sabia o que era esse tal de leitoso e branco, eu pra mim botava copinho, às vezes junto margarina, balde, então eu vendia tudo junto. Então, quer dizer que muitas vezes eu perdi dinheiro porque eu não sabia separar. Aí quando eu entrei aqui tudo isso aqui é um preço (apontando para o pote de margarina), isso aqui já é outro preço (apontando para um copo plástico), a PET já é outro preço”.

Eu mesma não sei ao certo a maior parte dos códigos de classificação de plásticos, mas ela os conhece; e me surpreendeu ao explicar dando alguns exemplos:

“(...) antes com o carrinho eu fazia assim: a PET verde eu juntava com a PET branca tudo no fardo amarrado... PP, eu não sabia o que era PP (copinho de café), a PET eu sabia porque era garrafa de refri, aquele escuro de xarope que tá escrito embaixo PS já vai junto com a garrafa verde de PET (...) Aquela época vendia tudo junto, aí era um preço só.”

Seguiu ainda explicando-me sobre a diferença de valores para os papéis e, como de costume, finalizou nossa entrevista com palavras que encantam:

“Agora, aqui não, a gente aprendeu a separar coisa por coisa e cada coisa é um valor e ganha mais dinheiro. (...) Então quer dizer que aqui dentro eu aprendi muita coisa que eu não sabia que agora eu posso passar para outras pessoas que não sabem (...) uns vão aprendendo e vai passando pros outros”.

Geni diz que gostaria de voltar a estudar no noturno. Mas lamenta dizendo que muita coisa “fugiu” de sua cabeça, que confunde as letras, porém diz ter boa vontade já que tenta ler a Bíblia, gibis e jornais.

Tânia, que se afastou do grupo por ter conseguido um emprego com a Carteira de Trabalho assinada, era uma mulher bem articulada com as palavras, com ensino médio completo e se dispunha com facilidade para as entrevistas; trabalhou em serviços burocráticos por muitos anos e destacou que gostaria de fazer faculdade, mas lamentava a dificuldade financeira para continuar os estudos. Embora com um bom grau de escolaridade, Tânia não sentia-se frustrada com o tipo de trabalho que executava no galpão: *“Isso aqui um pouco é meu... Uma parte é minha... Eu gosto disso e quero lutar por isso (pra que se torne cooperativa); umas, qualquer coisa pensam em desistir. Não pensam nisso aqui como uma empresa que é nossa...”* Para ter desistido, já que sua fala demonstrava um “acreditar” intenso no progresso da Associação, acredito que ou a oportunidade oferecida tenha sido muito boa ou tenha frustrado-se de alguma forma. Não a vi novamente após esta entrevista, mas de alguma maneira deve ter contribuído para o espírito otimista de grande parte dos trabalhadores em relação ao futuro da associação e para a disposição de encontrar maneiras que possam melhorar as vendas.

Nadir, a trabalhadora que adoeceu, conseguiu estudar até a sexta série: *“No colégio não tinha sétima e oitava série aí eu saí... não quis mais. Era longe. Não pretendo voltar porque a idade... quase 50 anos tá estudando...”* Ela

acredita que não está mais em condições de estudar, mas ao mesmo tempo traz que *aprende na mesa de separação: “Aqui a gente vai aprendendo o que é uma coisa o que é outra. Tem coisa que a gente não sabe né, aí pergunta pra ela e ela responde”*.

Ana Cristina aceitou com resistência o primeiro convite de entrevista, mas lembro que à medida que ia fazendo as perguntas ela percebeu o quanto as questões eram simples, mostrando-se à vontade em seguida. Entendi que seu receio de responder e participar estava em sua impressão de ser incapaz, sua dificuldade de “entender as coisas”. Ela descreve que, quando criança, não “entrava nada na sua cabeça” e que, por isso, deixou a escola na infância e, mais tarde, na vida adulta. Estudou somente até a terceira série: *“Porque eu não quis mais. Muitas coisas que não entrava na cabeça aí eu descorçoei de estudar. Cheguei a voltar, mas não deu certo. Pelo mesmo motivo: não conseguia entra as coisa; chegava a doer a cabeça”*.

Ana tentou retomar os estudos na vida adulta, mas como disse *“coisas não conseguia entrá as coisa”*, e o que talvez chame mais a atenção entre as suas justificativas: *“chegava a doer a cabeça”*. Tia Maria que estudou até a sexta série é, teoricamente, a tesoureira do grupo e conta que não entende matemática, portanto perguntei *“Mas então quem é que cuida do dinheiro se tu és a tesoureira?”* Ela dá uma interessante resposta:

“A Ana que é mais inteligente, eu deixo tudo com a Ana! Eu sei que eu tô errada, que eu que tinha que pega isso daí, mas eu não gosto, eu não entendo matemática. (...) Pra conta mesmo, a Ana, ela não sabe fazer conta, conta, ela sabe mais a pesagem”.

Ana controla o livro de chamada, a pesagem dos fardos, toma conta da distribuição de tarefas na ausência de Geni e auxilia nos cálculos financeiros. Russel (1997) que também realizou sua pesquisa com mulheres catadoras traz em relação a esta aprendizagem informal (e que converge adequadamente às minhas

conclusões), o caráter abrangente e significativo desse conhecimento, que se constitui na rotina deste trabalho. Coloca que as noções que adquirem em relação aos afazeres diários exigidos no galpão acabam espalhando-se em outros espaços afetando “integralmente a vida dessas mulheres” (p. 133). Evoco ainda à percepção de Brandão (1995) onde afirma que os saberes são inerentes ao homem e à vida e que independe de um símbolo edificado e codificado como ensino ou educação:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser. (BRANDÃO, 1995, pág. 13).

Numa de minhas escutas durante o intervalo para o café, lamentei o relato de Ana sobre a situação escolar de sua filha mais velha. Na época, a menina cursava a primeira série pela terceira vez numa escola estadual próxima a sua casa. Relatou que era uma criança comportada, obediente, porém ninguém na escola explicava claramente o que poderia estar acontecendo. Sugeri uma das escolas municipais, mas trouxe a questão da distância, não teria quem pudesse levá-la e não se arriscaria deixando-a ir sozinha. Nas escolas municipais de Esteio não há reprovação na primeira série, pois se entende que a série seguinte dá continuidade no processo de alfabetização mas, independente disso, quando uma criança não está atingindo os objetivos mínimos da série em relação a sua idade, a família é chamada e tenta-se encontrar alternativas para o alcance do aprendizado como, por exemplo, freqüentar o Laboratório de Aprendizagem em turno inverso.

Certos “descuidos” da Escola podem acabar reproduzindo as desigualdades sociais que tanto discutimos. Quando tenho conhecimento de casos parecidos em escolas de periferia, me pergunto se os respectivos profissionais da educação teriam a mesma postura se estivessem trabalhando em uma escola particular no centro da cidade...

Algumas pesquisas de sociólogos americanos, realizadas desde a década de 50, confirmam que, mesmo nos Estados Unidos, o filho do operário estuda para ser o operário que acaba sendo, e o filho do médico pra ser médico ou engenheiro. Apesar de ser, também lá, um projeto teórico de reprodução de igualdade, a educação da sociedade capitalista avançada reproduz na moita e consagra a desigualdade social, sem esquecer de fazer alarde em festa de formatura quando algum filho de operário consegue sair formado da faculdade de engenharia. (BRANDÃO, 1995, p. 90).

Marlene e Seu Teleco (Adelino) estudaram até a terceira série. Tanto um quanto o outro não demonstram qualquer interesse em voltar a estudar, tão pouco lamentam o breve período na escola: *“Parei porque eu não quis mesmo. Não gosto de ler e escrever; tenho horror. Não gostaria de continuar a estudar, acho que pra mim o que eu sei já ta bom”* (Marlene). *“Tinha que trabalhá para ajudar os velhos e era um pouco rebelde mesmo: não quis estudar”* (Seu Teleco). Imagino que o “não gostar” e o “não querer estudar” tenham relação com o formato pragmático de ensino (certamente, bem mais rígido na época que freqüentaram bancos escolares) que ainda hoje, em muitas escolas, desmotiva e entedia alunos. Morin (2000 e 2005b) ratifica estudos e novas proposições pedagógicas que há algum tempo, tentam se instaurar:

“Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não, a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível.” (MORIN, 2000, p. 42)

“(…) infelizmente nosso sistema educacional terá de ser previamente reformado, pois está baseado na separação: dos saberes, das disciplinas, das ciências; produz mentes incapazes de conectar os conhecimentos, de reconhecer os problemas globais e fundamentais e de apropriar-se dos desafios da complexidade. Um novo sistema de educação, baseado no espírito de religação, radicalmente diferente, portanto, do existente na atualidade, deve ser instaurado”. (MORIN, 2005b, p. 170)

Essas pessoas aprendem a reconhecer os diferentes tipos de materiais, a negociar com os compradores, organizam-se para dividir atribuições e horários a partir da prática quotidiana que adquiriu. Aquele que foi aprendiz torna-se,

voluntariamente, um instrutor. Ainda encontram-se num processo de controle dos ganhos e do fluxo de resíduos que chegam ao galpão, mas o que também representa um processo educativo à medida que vão se dando conta e discutem sobre as possíveis modificações que serão indispensáveis para qualificar a organização estrutural da Associação.

Geni, a convite da SMMA, dá palestras para professores, além disso, o grupo recebe a visita de escolares e representantes de empresas e moradores da cidade interessados em contribuir com o envio de seus resíduos. Os dados, exemplos e relatos que destaco neste capítulo inferem ao reconhecimento desta atividade como um processo educativo que além de envolver os catadores, contribuiu também para a transformação e ressignificação de conceitos para todos que tomam conhecimento ou se aproximam da associação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida, como traz Carvalho (2003), que autor e sujeito irão destacar as experiências de acordo com as interações que estão sendo vividas, o que, sem dúvida, infere a um relato biográfico influenciado tanto pela interpretação do pesquisador quanto do interlocutor. Também me identifico com o tom menos impessoal de Feitosa (2005) que lembra o quanto nosso olhar é passível de falhas e naturalmente seletivo, portanto minhas percepções e conclusões podem ser consideradas fragmentos diante da riqueza de detalhes de um espaço social cheio de oscilações humorais e pluralidades como a ARCA.

Este estudo trouxe somente um viés a respeito do gradativo progresso de tratamento e destinação dos resíduos sólidos do município de Esteio. Basicamente, meu foco esteve naqueles que dependem diretamente destes resultados já que esta pesquisa intentou, através de observações, escutas e aproximações, ascender o caráter histórico-social-humano da associação de recicladores. As considerações sobre a problemática do lixo foram necessárias à medida que explicam o invólucro complexo em torno das condições sociais e profissionais deste grupo, levando em conta também que há um mercado para resíduos sólidos urbanos ainda com necessidade de melhorias, mas que, atualmente, oportuniza profissional e socialmente (e eu diria ainda, educativamente), a participação destes trabalhadores excluídos do mercado de trabalho.

* * *

A análise, a paciência, a tomada de decisões e a organização de informações, constituíram um conjunto que permitiu a escrita e a forma desta

dissertação. Dar um sentido consistente que retratasse exatamente o que eu queria anunciar inclusive subliminarmente, foi o alicerce desta construção que não só concluiu o projeto de pesquisa inicial, mas que traduz uma pesquisadora mais crente em seu próprio olhar. Foi necessário *deixar-me ser*, tanto no convívio com as pessoas da Associação, com as quais criei alguns vínculos, quanto para “costurar” e dialogar meus dados com diversos autores. Os temores descritos na *Apresentação*, felizmente, foram se esvaindo à medida que me apropriei daquilo que acenava cada autor, cada professor ou colega. Por conta disso, reorganizei-me intelectualmente como fazia muito na infância, como um quebra-cabeça, mas que, surpreendentemente, me revelava a possibilidade de rever e discutir sua montagem final...

Não sei exatamente como, mas conciliei fortes dores anímicas com este percurso. Penso que o que soava na lembrança como motivação eram as palavras entusiásticas de Geni: “*A Ana Lúcia tá escrevendo um livro da gente!*” (por mais que eu tentasse explicar como um trabalho de pesquisa, acho que era mais simples para ela definir assim). Portanto, a escolha da ininterrupção em muitos momentos, mesmo que temporária, foi aquém do fator burocrático, acadêmico, intelectual: foi o meu compromisso firmado com o sujeito...

A menina de doze anos que já escrevia artigos para o jornal da Igreja e a adolescente que apresentava redações impecáveis até o término do ensino médio emergiram muito aquém do que eu gostaria... Mas de qualquer forma, tornar públicas as considerações históricas, sociais e de aprendizagem da ARCA é o que torna meritória esta modesta escrita. A cidade de Esteio é muito lembrada no período em que ocorre a Expointer, fora isto, encontramos ralas informações sobre seus espaços e sua gente.

É provável que se note reticências estruturais e intelectuais durante a leitura avaliativa deste trabalho, pois este período acadêmico mostrou-me que ainda é necessário manter-me atenta às falas, às leituras, aos rostos, “às gentes”, enfim, a todos os instrumentos oferecidos neste itinerário discente. Um adentrar tardio aos

espaços reflexivos pedagógico-sociais cercou-me num processo de contínuo “autorizar” para sentir, pensar, concluir e escrever. Ficou-me claro que o processo de apropriação e familiarização das estruturas de investigação em pesquisas sociais e educação é ininterrupto. Por isso, o interesse de qualificação metodológica e intelectual ainda segue, inclusive para nortear novas proposições acadêmicas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Hucitec, 1994.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. São Paulo: Vozes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fronteira da fé - alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje**. Dossiê Religiões no Brasil. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos: 203)

BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/cp6const.shtm>.

BRASIL. **Lei n. 9795 – 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental.

CALDERONI, Sabetai. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 1998.

CAMPOS, Herculano Ricardo. FRANCISCHINI, Rosângela. **Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100015&lng=pt&nrm=iso>. Pré-publicação. doi: 10.1590/S1413-73722003000100015

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica**. *Horiz. antropol.* [online]. jul. 2003, vol.9, no.19 [citado 13 Maio 2006], p.283-302. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-7183.

_____. **A Invenção Ecológica**. Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

CHASSOT, Attico Inácio. *A Ciência é masculina? É sim, senhora!* São Leopoldo: Unisinos, 2007.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Preço do Material Reciclável**. Disponível em: <http://www.cempre.org.br/mercado.php>. Acessado em: 03 de fevereiro de 2006.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO: A AGENDA 21. In: **Capítulo 21: manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os resíduos**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996, p. 419-437.

DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação. Prod.**, São Paulo, v. 14, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 Abr 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0103-65132004000300004

FISCHER, Nilton Bueno. **Do desafio da educação ambiental ao compromisso com a educação popular.** In: Seminário Pesquisa em Educação : Região Sul (5. : 2004 : Curitiba) [Anais]. Curitiba : PUCPR, 2004. 1 CD-ROM 11 f.

FISCHER, Nilton Bueno. **Economia informal e formação humana: o processo educativo de mulheres recicladoras de lixo.** In: Travessia, São Paulo Vol. 6, n. 16 (maio/ago. 1993), p. 23-25 : il.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso não é um caso: o método etnográfico e educação.** Trabalho apresentado na ANPED, Caxambu, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

GEERTZ, Clifford. **Transição Para a Humanidade.** In: ENGELS, Friedrich e outros. O Papel da Cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre, Villa Martha, 1980, p. 1 – 6.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2000.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistic>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2006.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MANUAL A EMBALAGEM E O MEIO AMBIENTE. BARBOSA S. M. M. (colaboradora). **Tempo de decomposição.** 1999. Disponível em: <http://www.lixo.com.br/home.html>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2006.

MARRE, J. L. **Histórias de vida e método biográfico.** Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, n.3, v.3, p.89-141, janeiro/julho. 1991.

MARRE, J. L. A construção do objeto científico na investigação empírica. *Sin loco, sin date.*

MARTINS, Clitia Helena Backx, 1954- **Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento.** Porto Alegre: FEE, 2004. (Teses FEE; n. 5). 242p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2003.

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de; MACEDO, Kátia Barbosa. **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?.** *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-71822006000200009

MELUCCI, A. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura.** Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global.** São Leopoldo: ed. UNISINOS, Coleção Focus; 15, 2004.

MORIN, Edgar. **O Método II: a vida da vida**; tradução de Marina Lobo. 3. ed. - Porto Alegre: Sulina, 2005a. 528p.

_____. **O Método VI: ética**; tradução Juremir Machado da Silva. - Porto Alegre: Sulina, 2005b. 222p.

_____. 2003. **Meus Demônios**. 4 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 274 p.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEVES, Sissi Malta. **Psicodramatizando a construção da cidadania: o ser criança e adolescente em um centro de Comunidade**. In: Relações sociais e ética. Porto Alegre : Abrapso-Regional Sul, 1995. p. 179-188.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mundo deve ter 10 bilhões de habitantes em 2050** (50/07/2005). Disponível em: www.onu-brasil.org.br/view_news.php?id=2628. Acessado em: 06 de maio de 2006.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acessado em 22 de março de 2007.

RUSSEL, Teresinha Dutra da Rosa. Educação informal na reciclagem de resíduos sólidos urbanos. (Coleção trabalhos acadêmico-científicos. Série dissertações de mestrado). Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

SILVEIRA, F. L. A. S. **Da etnografia como experiência a antropologia histórica e por imagens** in MARTINS, José de Souza. ECKERT, Cornélia. NOVAES, Sylvia Caiuby (organizadores). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru, SP: Edusc, 2005. Capítulo 9: pág. 256.

SIQUEIRA, Deis. **Religião, religiosidade e contexto do trabalho**. Soc. estado., Brasília, v. 20, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922005000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 Abr 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-69922005000300009

SPINK, Mary Jane P. **A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica**. *Sin loco, sin date*.

TEIXEIRA et al, **Decifrando a Terra**. São Paulo: Oficina de Textos. 2000.

THOMPSON, Paulo (1935). **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente. O recado do rio**. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2001.

VELLOSO, Marta Pimenta. **Os catadores de lixo e o processo de emancipação social**. Ciênc. saúde coletiva., Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000500008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 Fev 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S1413-81232005000500008